

Os jovens e as redes sociais: contributos dos jovens internados em Centros Educativos



ASSUNTO	Utilizações das redes sociais
A QUEM SE DESTINA	Profissionais Especializados, Estudantes, Academia
PALAVRAS-CHAVE	Jovens, Centros Educativos, Redes Sociais
FORMATO	PDF

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Os jovens e as redes sociais: contributos dos jovens internados em Centros Educativos

UNIDADE RESPONSÁVEL

Unidade de Estatística e Investigação / Departamento de Investigação, Monitorização e Comunicação

AUTORIA

Ludmila Carapinha

GRAFISMO

Layout: ICAD, IP / Gabinete de Tecnologias e Sistemas de Informação Conteúdo: ICAD, IP / Departamento de Investigação, Monitorização e Comunicação / Unidade de Estatística e Investigação

CAPA

Com a utilização da foto de [Naassom Azevedo](#) na Unsplash

EDITOR

ICAD, I.P. - Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências, I.P.

Parque de Saúde Pulido Valente Alameda das Linhas de Torres – Nº. 117, Edifício ICAD 1750-147 Lisboa

ISBN

978-989-36866-0-7

DOI

<https://doi.org/10.71665/y6rt-ry98>

Os jovens e as redes sociais: contributos dos jovens internados em Centros Educativos

ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO	1
INTRODUÇÃO	2
OBJETIVOS	4
MÉTODO	4
RESULTADOS	7
DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

SUMÁRIO EXECUTIVO

O presente estudo foi desenvolvido com o propósito de aprofundar o conhecimento sobre a utilização de redes sociais pelos jovens internados em Centros Educativos com 18 ou mais anos, tendo-se procurado caracterizar esta utilização e sua relação com as interações presenciais.

Inscreve-se no projeto mais amplo de monitorização dos comportamentos potencialmente aditivos na população de jovens internados em Centros Educativos, replicado periodicamente. O trabalho de campo decorreu no segundo semestre de 2023 através da realização de entrevistas a sete jovens dos seis Centros Educativos, submetidas a análise temática de conteúdo.

As principais redes utilizadas pelos jovens consistem no *WhatsApp* e, principalmente, no *Instagram*, escolhidas por serem as que as pessoas do seu círculo de conhecimentos utilizam, incluindo as esferas presencial e virtual. Com efeito, as experiências relacionais virtuais encontram-se em grande medida intrincadas com as presenciais, sendo percebidas por estes jovens como uma extensão, menos importante, das segundas.

O mundo social virtual oferece uma série de vantagens, como a facilidade de conhecer novas pessoas, a partilha, o entretenimento e a boa disposição; ao mundo presencial é atribuída uma maior importância, aprofundamento da comunicação e relação e autenticidade. A experiência predominante é de satisfação com as possibilidades das redes sociais virtuais.

As redes sociais surgem como potencialmente facilitadoras do acesso a pares com estilos de vida semelhantes e conteúdos de acordo com os interesses pessoais, podendo reforçar atitudes e estilos de vida à margem da Lei, constituindo-se, ainda, como mais um contexto de oportunidades de atividades ilegais, bem como um meio de facilitação operacional das mesmas. Por outro lado, são, potencialmente, um meio para contactar uma maior diversidade de pessoas e de estilos de vida.

INTRODUÇÃO

O presente estudo inscreve-se no projeto **Comportamentos Aditivos em Jovens Internados em Centros Educativos 2023**, desenvolvido em parceria com a Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais – Serviços de Justiça Juvenil, com o propósito de caracterizar comportamentos potencialmente aditivos e algumas dimensões associadas nesta população específica e, assim, desenvolver conhecimento que apoie as intervenções com estes jovens. Trata-se de um projeto de implementação periódica, visando a atualização de indicadores e de conhecimento.

Ponderando a experiência anterior e o interesse de ambas as instituições – SICAD (atual ICAD) e DGRSP –, optou-se pela manutenção, em 2023, de uma abordagem de investigação mista, com componente quantitativa e qualitativa, com alguns contornos distintos, tendo em conta as necessidades atuais de informação e conhecimento.

Deste modo, o projeto de 2023 previu a realização de dois estudos. Um estudo, já publicado, caracteriza um conjunto de aspetos quanto à utilização de substâncias psicoativas e de jogo por parte destes jovens (Carapinha & Guerreiro, 2024). O outro estudo, sobre o qual incide o presente documento, aborda especificamente as dinâmicas de utilização de redes sociais, enquadradas no contexto de vida dos jovens internados em Centros Educativos.

Optou-se por destacar as redes sociais para um estudo à parte, de natureza qualitativa, por duas ordens de razão. Em primeiro lugar, por tratar-se de um tema sobre o qual existe ainda pouco conhecimento quanto à realidade portuguesa, em comparação com outros comportamentos potencialmente aditivos, e que, por isso, faria sentido ser objeto de um estudo próprio, com uma maior liberdade de exploração. Em segundo lugar, porque o tema é tão vasto que operacionalizar uma caracterização desta utilização no questionário de autopreenchimento implicaria alongar muito um questionário já exigente, obtendo-se informação que, embora representasse a totalidade dos jovens, seria muito superficial.

As plataformas de *social media* são estruturas sociais constituídas por vários interlocutores, entidades ou grupos de entidades que interagem de diversas formas entre si. Existem mais de 100 plataformas a nível mundial. Estas apresentam dezenas de funcionalidades (amizades, seguidores, grupos, *apps*, *lives*, vídeos, texto, inquéritos, *links*, fotos, diretos, compras, votos, organização, *blogs*, notícias, anúncios de trabalho, reuniões, recrutamento...) e utilidades várias (conexão, partilha, multimédia, privacidade, notícias, votos,

publicações, promoções, agenda, perfis, aplicações, opiniões, entretenimento), e têm sido categorizadas em diferentes tipos, que podem ser consolidados em três tipos principais: redes de entretenimento (a utilidade primária é o entretenimento, através de jogos, desporto, cinema, viagens, etc., podendo ter utilidades secundárias de conexão, multimédia e partilha de opiniões), redes de perfis (a utilidade primária consiste na apresentação de um perfil, podendo ter como utilidades secundárias a conexão, multimédia, profissional, partilha de opiniões, publicidade, privacidade, votos, aplicações e promoções) e redes sociais (as utilidades primárias são a conexão, multimédia, profissional e partilha, podendo ter como utilidade secundária a publicidade) (Koukaras *et al.*, 2019).

As plataformas de *social media* mais populares a nível mundial em abril de 2024, tendo em consideração o número de utilizadores ativos por mês¹ eram, por ordem de popularidade: *Facebook*, *YouTube*, *Instagram*, *WhatsApp*, *TikTok*, *WeChat*, *Facebook Messenger*, *Telegram*, *Snapchat*, *Douyin*, *Kuaishou*, *X/Twitter*, *Weibo*, *QQ* e *Pinterest*.

A comunicação nas redes sociais tem características próprias, distintas da comunicação em presença, que se caracteriza por ser face a face, num contexto espacial físico e temporal comum, com dois sentidos de informação e envolvendo aspetos verbais e não verbais.

A especificidade da comunicação nas redes sociais decorre das funcionalidades que estas disponibilizam e das dinâmicas relacionais que se geram e nelas se sustentam. Trata-se de uma comunicação que não envolve presença corporal, baseada em interações quase exclusivamente curtas e frequentes, assentes em pequenas frases, imagens, vídeos, reações pré-definidas (*emojis*) ou pequenos áudios, com grande predominância da componente visual, que pode ser facilmente realizada em contexto de grupo ou para uma audiência, de forma assíncrona, mais concreta e quantificável, permanente e persistente, em que criar, manter, bloquear e terminar ligações é facilitado (Subrahmanyam & Šmahel, 2011; Nesi *et al.*, 2018), entre outras características.

O subgrupo participante neste estudo é composto por jovens de 18 anos a cumprirem medida num Centro Educativo devido a atos qualificáveis na Lei como crime. Na sua condição de jovens, enfrentam potencialmente vários desafios de desenvolvimento, desde logo a formação da sua identidade pessoal, com a exploração das questões “quem sou eu, a que pertenço, para onde vou” e da capacidade de desenvolvimento de intimidade, nos quais a relações com os pares jogam um papel fundamental. A investigação aponta para a necessidade dos adolescentes terem amigos próximos e o seu desejo de companheirismo e intimidade com amigos e/ou namorados, num contexto de abertura, autorrevelação

¹ <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>

e honestidade. A exploração destas tarefas de desenvolvimento na relação com os pares sucede em diversos contextos, incluindo, evidentemente, o contexto virtual (Subrahmanyam & Šmahel, 2011).

OBJETIVOS

- **OBJ1:** Conhecer utilização de redes sociais virtuais no contexto de vida da população de jovens a cumprirem medida educativa nos Centros Educativos;
- **OBJ2:** Conhecer a participação em redes sociais virtuais vs presenciais na população de jovens a cumprirem medida educativa nos Centros Educativos.

MÉTODO

Tipo de estudo

Optou-se por implementar uma abordagem qualitativa que permitisse explorar com maior liberdade e profundidade as redes sociais dos jovens, entre o virtual e o presencial, dando assim espaço à emergência de aspetos trazidos pelos próprios.

População de jovens internados nos Centros Educativos

Quando o estudo foi realizado encontravam-se nos seis Centros Educativos (CE) de Portugal 125 jovens, dos quais, 111 rapazes e 14 raparigas (14 no CE da Bela Vista, 26 no CE Navarro de Paiva, 34 no CE Olivais, 18 no CE Padre António Oliveira e 24 no CE Santo António).

Segundo dados do inquérito aplicado no âmbito deste projeto, a esmagadora maioria destes jovens era do sexo masculino (88%) e identificava-se com o género masculino (87%). As suas idades situavam-se entre os 13 anos e os 20 anos, tendo a maior proporção entre os 15 e os 17 anos. 78% tinham nacionalidade portuguesa, a maioria (57%) vivia em Lisboa ou no Porto antes de entrar no Centro Educativo, numa vivenda ou apartamento (71%), sendo, contudo, de salientar que 24% estavam em situações habitacionais mais desfavoráveis. Todos já tinham ficado retidos de ano pelo menos uma vez, maioritariamente entre 3 e 5 vezes: 29% tinham o 2.º ciclo (5.º e 6.º ano) de escolaridade e 64% o 3.º ciclo (7.º a 9.º ano). 54% já tinham experiência de trabalho remunerado. A maioria (62%) declarou estar a cumprir medida devido a ofensa à integridade física, seguindo-se os que declararam estar a cumprir medida devido a roubo (56%), furto (45%), ameaça ou coação (33%) e tráfico de estupefacientes (32%) (Carapinha & Guerreiro, 2024).

O convite para a realização da entrevista foi efetuado apenas a jovens de 18 ou mais anos, pelo que, no total, realizaram-se sete entrevistas, a seis rapazes e uma rapariga, uma em cada CE, à exceção de um, onde se realizaram duas.

Pela condição do seu internamento estes jovens não têm o mesmo acesso a redes sociais virtuais que aqueles que estão na comunidade, cingindo-se este às oportunidades de saída para casa ao fim-de-semana e férias. Todos passaram pela experiência de deixar de ter acesso a redes sociais virtuais quando entraram no CE.

Procedimento

O estudo foi apresentado a cada jovem de 18 anos pela Direção/Coordenação do respetivo CE. Por sua vez, no encontro com a entrevistadora do ICAD, em sala do Centro Educativo que garantia privacidade, o estudo foi de novo apresentado, nomeadamente com enfoque nos aspetos éticos. A participação foi voluntária. As entrevistas decorreram entre julho e setembro de 2023.

Cada entrevista iniciou com o enquadramento de que o estudo visava conhecer melhor a utilização das redes sociais virtuais por parte dos jovens. As linhas orientadoras seguidas foram as seguintes:

- Que redes sociais o jovem conhecia;
- Que redes sociais utilizava (fora do CE);
- Como utilizava cada uma destas redes: com quem, com que propósito, que conteúdos, de que forma;
- Como é que as redes sociais virtuais e as presenciais se cruzavam;
- Como tinha sido a experiência de entrar no CE e deixar de ter acesso a redes sociais virtuais.

Com o consentimento dos jovens, as entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas pela autora. Tendo em conta o número de entrevistas não se considerou necessário recorrer a *softwares* especializados para realizar a análise de conteúdo. Os ficheiros áudio e *word* referentes às entrevistas tinham uma identificação numérica e foram manuseados por uma mesma técnica do ICAD. Finalizado o relatório científico os mesmos foram eliminados.

A análise de cada uma teve em consideração as linhas orientadoras de base da indagação, mas procurou-se, também, seguir uma livre identificação de aspetos suscitados pelos jovens, verificando-se que, uma boa parte destes aspetos podiam ser enquadrados em temas transversais ao discurso dos entrevistados.

Em particular, a análise das entrevistas seguiu um método eminentemente indutivo (Braun & Clarke, 2022). Numa primeira análise identificaram-se temas a partir destes conteúdos. Em seguida procedeu-se a uma nova leitura com vista a afinar em que medida estes temas eram distintos entre si, se fazia sentido mantê-los separadamente ou integrá-los noutros mais amplos. Para o efeito, o principal critério seguido

foi o da saliência dos temas entre as várias entrevistas e o segundo em que medida correspondiam às linhas orientadoras da exploração.

Efetuada esta categorização elaborou-se uma descrição de resultados com a exploração de cada um dos temas e seleção dos conteúdos das entrevistas que melhor ilustravam o argumento em causa.

Aspetos éticos

O estudo foi apresentado a todos os jovens com 18 ou mais anos, com informação sobre objetivos, método e, em particular, o carácter voluntário e os procedimentos para a garantia de anonimato e confidencialidade. Cada jovem assinou um documento de consentimento informado. Nenhuma entrevista foi identificada com o nome do jovem ou do Centro Educativo. Todas foram realizadas pela autora, com suporte de áudio. Todos os documentos referentes às entrevistas mantiveram-se no computador pessoal da técnica, com identificação numérica, tendo sido eliminados uma vez concluído o relatório do estudo.

Limitações

Tendo-se optado por uma abordagem exploratória em torno de um número reduzido de questões iniciais e dando livre expressão aos entrevistados, o presente estudo permitiu levantar várias características da interação dos jovens em redes sociais, tendo, contudo, perdido em profundidade no que ganhou em diversidade de conteúdos. Adicionalmente, um número superior de entrevistas teria permitido dar maior robustez aos contributos sugeridos. Nestas entrevistas pode ter ocorrido um certo viés de recordação no que reporta às memórias das interações na comunidade, contudo, os jovens entrevistados já não se encontravam em regime fechado e o tempo de internamento não é demasiado longo do ponto de vista da recordação de eventos anteriores a este. Finalmente, é de considerar uma possível influência do efeito de desejabilidade social nas partilhas realizadas.

RESULTADOS

ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO

DA UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS POR JOVENS INTERNADOS EM CENTROS EDUCATIVOS



QUE REDES SOCIAIS²?

Quando questionados sobre as redes sociais que conheciam todos os jovens assinalaram o *Instagram*, o *WhatsApp* e o *Snapchat*, quatro assinalaram a rede *X/Twitter* e apenas um a dois assinalaram o *Tinder*, o *Facebook*, o *TikTok*, o *Telegram* e o *YouTube*. Nenhuma outra rede foi mencionada.

As redes mais usadas por todos os jovens entrevistados são o *Instagram* e o *WhatsApp*. Alguns referiram usar ainda o *Snapchat* e apenas um ou outro mencionou o *TikTok*, o *Telegram* e o *X/Twitter*. Como tal, este trabalho debruça-se, principalmente, sobre a utilização do *Instagram* e do *WhatsApp*.

REDES SOCIAIS E PLATAFORMAS

Atualmente o termo «redes sociais» tende a ser usado como sinónimo de plataformas como o *WhatsApp* ou o *Instagram*. No entanto, com maior ou menor precocidade na utilização destas plataformas, quando aderem, os jovens já têm as suas redes em modo presencial, começando pela rede familiar, mas também, amigos, colegas de escola, conhecidos do bairro, entre outros. Estas redes e sub-redes têm importância quanto às plataformas a que as crianças ou jovens aderem e, dentro destas, quanto às sub-redes a que aceitam aderir ou que constroem para si.

Por exemplo, entre os jovens participantes neste estudo, pareceu reunir-se um consenso quanto à seleção do *WhatsApp* e do *Facebook* para redes familiares, principalmente quando envolvendo membros ascendentes, mais velhos, por serem estas as plataformas que estes mais usam, ou, simplesmente, como um meio de contacto do quotidiano com o seu agregado familiar.

«É mais um local onde eu falo com a minha mãe. Por exemplo, ela está a trabalhar, eu estou em casa, ela diz que vai precisar disto para casa, eu vou lá comprar na loja, sim, é mais. É como se fosse um bloco de notas. A gente usa para o que é preciso». (E2)

Por sua vez, na adesão ao *Instagram* e o convite / aceitação de pessoas para a sua rede nesta plataforma, bem como os pedidos para seguir outras pessoas, consideram, ainda que não exclusivamente, as pessoas que já conhecem e vão conhecendo no meio presencial, que, segundo os jovens entrevistados, se encontram, principalmente no *Instagram*. Adicionalmente, ter na sua rede pessoas que estão noutra plataforma que não o *Instagram* poderá ser o motivo para a adesão a plataformas adicionais.

«Depende, eu posso ter um amigo que gosta de falar no *Insta* e no *WhatsApp*, ou ter um que só gosta de falar no *Insta* e outro que só gosta no *WhatsApp*. Mas você fala com os dois diariamente.

² Doravante utilizar-se-á o termo «redes sociais» para designar as redes sociais virtuais.

Você para contactar com um tem de ir no *WhatsApp*, para contactar com o outro tem que ir no *Insta*». (E1)

Pelo discurso dos jovens pareceu ser-lhes natural, expectável, que uma ligação com alguém de interesse para o próprio subentende um espelhamento no mundo virtual, isto é, nas referidas plataformas. Por sua vez, ligações iniciadas virtualmente, quando entendidas como significativas, e existindo as condições para isso (não vivendo em países diferentes, por exemplo), têm frequentemente subentendido um reflexo no mundo presencial.

Contudo, pareceu mais provável que uma ligação presencial tenha também vida virtual do que a situação contrária, isto é, que uma ligação virtual dê lugar a uma ligação presencial. Com efeito, o significado da passagem no sentido presencial – virtual não parece ser o mesmo do sentido virtual – presencial, aspeto a abordar mais à frente.

Assim, os jovens consideram as pessoas que conhecem no meio presencial, inclusivamente de contextos espaciais específicos (da escola, do bairro, do clube, da casa...), e prolongam o contacto para um outro espaço, virtual, onde as pessoas também *estão*. Neste sentido, o mundo virtual também é percebido como um lugar onde as pessoas estão, em uma ou mais localizações. Veja-se, como exemplo, a expressão da secção DEFINIÇÕES da plataforma WhatsApp, “Eu já estou no *WhatsApp*”, sendo esta expressão usada pelos jovens.

Portanto, os jovens procuram plataformas, a que chamamos redes sociais (virtuais), que permitam continuar as suas ligações presenciais num outro espaço, e tendo em consideração onde estas pessoas estão, o que requer a utilização de diferentes plataformas.

FUNÇÕES DAS PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS

As plataformas de redes sociais têm, potencialmente, diversos tipos de utilizações e cumprem diversas finalidades, anunciadas na página de apresentação de cada uma. Na página do *WhatsApp* é destacada a função da comunicação privada, a dois e em grupo e a possibilidade de criação de comunidades, uma comunicação simples que desenvolve a proximidade com os outros.

No ecrã principal da página oficial desta plataforma é apresentada uma fotografia de uma mãe e sua filha adolescente, expressando proximidade física através de um abraço, e com uma troca de mensagens entre ambas, do lado direito, via plataforma digital: pequenas mensagens escritas, *emojis*, áudio e uma foto partilhada, aludindo a esta proximidade. A frase de destaque para a sua apresentação consiste em: «ENVIE MENSAGENS PRIVADAS: Mensagens e chamadas simples, fiáveis, privadas e gratuitas, disponíveis em todo o mundo».

Por sua vez, na página do *Instagram* são destacadas as funções de expressão pessoal, partilha, comunicação e de acesso a temas, coisas, ou pessoas de interesse. Novamente, a proximidade é enfatizada.

Analisando a página oficial do Instagram, na secção - SOBRE -, deparamo-nos com uma projeção de alegria e dinamismo, com várias fotografias de jovens a expressarem-se. A frase de destaque para a sua apresentação consiste em: «BRINGING CLOSER TO THE PEOPLE AND THINGS YOU LOVE».

Das entrevistas realizadas sobressaem alguns tipos de utilização, como as usam, em que contextos, com quem, com que propósitos.

I. FACILITAÇÃO DA VIDA

Esta é uma das funções destacadas pelos jovens, as plataformas como uma ferramenta que facilita o quotidiano, particularmente na possibilidade de combinar encontros ou dar recados, por ser fácil, imediato, e por permitir combinar com várias pessoas ao mesmo tempo, sendo o *WhatsApp* a mais mencionada. Parecem ter a expectativa de que os outros estão atentos ao *WhatsApp*, combinando encontros para o próprio dia.

«Não, eram grupos assim de combinar jogar à bola (...). Por exemplo, ‘rapazes hoje às 5 horas no campo’, assim eles sabiam que tinham de estar no campo». (E3)

«Mais, fotos de conjunto que eu tenha tirado mando para o grupo para todos terem, um vai pedir, outro vai pedir, outro vai pedir, prefiro mandar logo para o grupo, todos conseguem baixar logo e terem, não é preciso mandar um e um e um, que dá mais trabalho». (E4)

Nesta vertente de facilitação da vida, o *WhatsApp* é a plataforma de eleição, seja para contactos com a família, seja para contactos com os amigos.

II. PARTILHAR A VIDA

Esta é uma vertente bastante enfatizada pelos jovens, o recorte de momentos da sua vida e sua partilha com determinadas pessoas ou grupos, um recorte feito à medida, principalmente, do grupo destinatário. São as coisas que “põem no grupo”, que “publicam”, que “postam”.

Nesta, o *WhatsApp* é salientado como um local onde partilham fotos com o grupo família. São fotos alusivas a eventos familiares, momentos partilhados entre todos, referentes à sua preparação, como a compra de um presente, ao evento em si ou ao seu rescaldo, funcionando assim como uma forma de prolongamento da experiência relativa a este evento. Estas partilhas registam instantes de convívio

familiar, de proximidade, que é revivida logo após o evento com estas partilhas, ou, mais tarde, para recordar.

Por outro lado, nestas partilhas familiares também se regista a individualidade de cada um ou de subnúcleos familiares, as suas experiências particulares, que são mostradas à família, em foto ou pequenos vídeos, para que estes vejam, por vezes, logo de seguida à sua ocorrência, ou mesmo em videochamada, para que estejam presentes no momento.

A comunicação virtual proporciona uma sensação de ligação mesmo quando não se está presencialmente com a pessoa, uma sensação de continuidade da relação, registada nas interações frequentes e não apenas na mente ou na memória de cada um, como se estas redes fossem um apoio para suprimir a sensação de ausência e de falta do outro, a sensação de se estar só.

«E, por mais que não estejamos ao pé uns dos outros, estamos a falar entre nós, estamos a comunicar entre nós. Por exemplo, se eu hoje não for à minha tia, ou se estou com uns amigos meus, mandam mensagem para o grupo, ninguém está junto, ou está mesmo aí, se calhar com os meus irmãos ou com a minha tia, mas eu não estou, mas estamos a falar na mesma». (E4)

O próprio telemóvel, pelos acessos que proporciona, nomeadamente acessos a outros, é o representante desta constante companhia.

«O telefone era importante para ti? / O MEU MELHOR AMIGO. Para onde eu ia o telefone tinha de andar comigo. Sempre. Aquilo é uma espécie do meu melhor amigo, está a perceber? É onde tenho tudo guardado. Praticamente estava sempre a falar com alguém, sempre, se não fosse com um amigo era com outro, se não fosse com outro era com um familiar, era sempre assim. Se não estivesse naquilo estava nos jogos, nos jogos *online* também se conhecem outras pessoas, é sempre assim, eu estava sempre a falar com alguém, sempre». (E2)

Agora, os tempos e lugares de afastamento presencial, as férias escolares fora de casa, os períodos em casa ao fim do dia, por exemplo, podem ser passados juntos, à mesma, mas num outro lugar, o contexto virtual, onde também o tempo é diferente, porque parece passar mais rápido.

«Se estamos juntos não falamos através das redes sociais, falamos pessoalmente, mas em período de férias e assim, é quase tudo por *Instagram*». (E7)

Seja no *WhatsApp*, seja no *Instagram*, também se partilha muito da vida, com grupos mais ou menos específicos de amigos ou outros, consoante os grupos formados no *WhatsApp* e os considerados para a

página pública e para a página privada do *Instagram*. De uma forma geral, publica-se para mostrar algo, para os outros verem, e, na expectativa de uma reação.

Ambas as plataformas sugerem, na sua página, este caminho da partilha do quotidiano, dos momentos especiais e dos seus talentos, como uma forma de expressão (dimensão enfatizada particularmente pelo *Instagram*) e como uma forma de promover a proximidade aos outros. É possível ver na página do *WhatsApp* uma imagem de uma celebração partilhada, no *Instagram*, imagem ou vídeos de poses de momentos banais, mas em que há convívio e boa disposição, bem como de pequenas exposições artísticas ou desportivas.

III. SEGUIR A VIDA

Os jovens *seguem*, por sua vez, as vidas que os outros partilham, particularmente no *Instagram*. Pedem para aderir às páginas de outros, que podem ser amigos, conhecidos, pessoas que gostariam de conhecer ou figuras públicas.

Seguir as vidas dos outros permite-lhes ter acesso a outras vidas, nalguns casos bastante mais glamorosas do que a sua, saber o que fazem, como se divertem, permite-lhes explorar curiosidades sobre estas, quer sobre a parte mais pública, quer sobre dimensões mais privadas, da vida familiar e doméstica, por vezes encontrando pontos de encontro e de identificação, ou mesmo fantasiar sobre esse tipo de futuro.

«Quem é que tu acompanhavas de famosos? / No *Instagram* era mais jogadores. (...) / Porque é que gostas desse? / O estilo de jogar à bola dele. Comparo-me a ele. É o meu género, é mais brincalhão. / Imaginavas a tua vida como a desse jogador? / Sim. / O que é que ele publicava? / Ele não publicava muito. É mais coisas dos filhos». (E3)

As curiosidades estendem-se da vida pública à vida privada, registada em momentos do que fazem, mas também quanto ao que gostam, em termos do tipo de conteúdo que partilham que não os mostra diretamente a si, mas que ilustra os seus gostos, o que sentem, o que pensam.

«O que é que te interessa nas histórias dos outros, o que é que tu achas engraçado, o que é que te cativa? / Às vezes eles metem *posts* para rir, outras vezes metem *posts* a conviver com pessoas, eles metem várias variedades, ou metem da comida, ou metem a falar ou metem vídeos a cantar. / E esses vídeos é deles próprios, é de coisas que acharam engraçado e puseram lá? / Depende de como a pessoa for, a pessoa pode cantar e mostra ela a cantar, a pessoa pode não cantar e mostra outras pessoas a cantar, a pessoa pode não fazer um vídeo engraçado, mas meter um vídeo engraçado, às vezes também vejo vídeos para rir, vejo filmes ou partes de filmes, ou então partes de vídeos de famosos e metem vozes por cima, eu sigo isso, gosto de umas asneiras». (E6)

Assim, seguir a vida dos outros poderá ter valências de satisfação de curiosidades, de inspiração, de exploração de possibilidades de vida, de encontro pela identificação, de fantasia ou mesmo de entretenimento, o que envolve diferentes tipos de envolvimento do próprio. Seguir a vida dos outros pode, ainda, envolver a experiência da participação nesta, consoante a distância a que se encontram da outra pessoa e o tipo de relação que com ela têm.

«Conversas com pessoas, há pessoas que tu segues e há pessoas que te seguem a ti, às vezes fazes comentários ou fazem comentários a ti. Reajo, faço comentários sobre a história da pessoa, reajo com a história da pessoa, que há uns bonequinhos que nós clicamos e depois dá para reagir com uns *emojis*, aqueles corações nos olhos, o ‘tá a rir ou um coração até, e reagimos, ou fazemos um comentário, ou até temos de perguntar se está tudo bem com a pessoa, é que eu não ando a fazer muito isso». (E5)

IV. CONHECER PESSOAS

Todos os jovens mencionaram esta vertente do *Instagram* servir para conhecer pessoas novas. Em alguns casos são pessoas que se mostram interessadas em conhecê-los, ou pessoas que lhes suscitam interesse, virtualmente. Noutros casos são pessoas que despertaram interesse presencialmente, mas em que os primeiros contactos são realizados virtualmente.

O interesse por outra pessoa virtualmente é, essencialmente, associado à imagem que esta projeta no seu perfil, à sua fotografia.

«Mesmo no *Instagram* eu, para falar com uma pessoa, vejo primeiro a foto. Vejo a foto, se for de uma pessoa que me interessa, mando logo mensagem». (E1)

Esta valência está associada à conta pública do *Instagram*, onde os jovens colocam uma seleção de fotografias, vídeos ou outros conteúdos próprios. A manifestação de interesse é feita através de um pedido para seguir, pela colocação de reações ou comentários a *posts* seus, nomeadamente fotografias.

Para estes jovens, contactar novas pessoas através de redes sociais parece ser um processo normal, talvez tão normal como contactar presencialmente. O aprofundamento da ligação terá, contudo, as suas diferenças, como se descreverá adiante. Nas redes sociais há todo um mundo de possibilidades quanto a novas ligações, e de concretização muito fácil.

«Por exemplo, eu vejo uma rapariga que eu acho bonita, vou ter com a rapariga, falo um pouco, pergunto se ela tem *Instagram*, se ela me der o *Instagram*, eu vou, mando pedido, depois através dela eu posso ver outras pessoas, ou mesmo sem pedir a ninguém, vou à lupa e aparece-me logo milhares de pessoas se eu for a olhar para baixo, posso ir ver por exemplo, quem é este rapaz

aqui, vou-lhe mandar pedido, posso fazer amizade com ele, ou vou descendo, quem é esta rapariga, mando pedido, faço amizade se ela me aceitar no *Instagram*, é assim, nem preciso de pedir frente a frente o *Instagram*, se eu for pondo para baixo vai-me aparecendo logo vários perfis que eu não sigo, por isso posso mandar pedido se eu quiser tentar ter uma amizade com aquela pessoa». (E4)

Desenvolver as primeiras interações *online* parece ser percebido como facilitador para conhecer pessoas novas, principalmente se se for mais introvertido. Trata-se de uma interação entendida como envolvendo uma menor exposição pois a outra pessoa não está a ver as expressões faciais ou toda a linguagem corporal. É interessante que nenhum dos jovens tenha mencionado que, por esta via, não havendo uma exposição no momento, como há numa interação presencial, há uma exposição no sentido de as interações se basearem em registos de imagens e de texto passíveis de serem partilhados com terceiros.

«Qual é que achas que é a grande vantagem das redes sociais para a tua vida? / Conhecer pessoas novas. / É mais fácil no *Instagram* ver-se uma pessoa de quem se gosta e pedir para seguir do que ir na rua e perguntar a uma pessoa ‘queres ser minha amiga?’ / Exato, é mais complicado e é vergonhoso. / Nas redes sociais achas que se tem menos vergonha? / Sim. / Porque será? / Não estamos a falar cara a cara, a pessoa não está a ver as nossas expressões, não está a ver os nossos tiques de nervos. Eu, por exemplo, quando estou nervosa começo-me a tremer toda, por todos os lados, então quando estou a falar com a pessoa a pessoa não vê, nas redes sociais». (E5)

Estes primeiros contactos virtuais foram amiúde apresentados como uma fase exploratória, uma espécie de quebra-gelo, de preparação para o contacto presencial, uma vez mantido o interesse pela outra pessoa. Deste modo, no encontro presencial já existe uma certa familiaridade construída que se entende como facilitadora, talvez porque há uma certa perceção de que a imprevisibilidade é diminuída, talvez por se antecipar uma menor probabilidade de rejeição, e isso proporcione uma maior segurança.

«Achas que o telemóvel é bom para as pessoas tímidas? / Acho! Liberta as pessoas. Eu vejo amigos meus que são muito tímidos ao pé de raparigas, mas, quando falam, têm grandes paleios, eles, e depois quando eles têm o paleio, encontram-se com a pessoa, demora um bocadinho a quebrar o gelo, mas eles quando entram já estão mais habituados, porque já falaram com a pessoa, então eles, já é mais fácil para os tímidos». (E6)

«Que tipo de pessoa é que tu achas que está mais tempo nas redes sociais? / Pessoas que são mais fechadas, ou pessoas como eu que gostam de conhecer as pessoas antes de conhecer ao vivo. Eu para conhecer alguém, como já disse, tenho que falar um bom tempo com a pessoa. A outra pessoa pode achar que não quer saber, que não tem importância, não sei / Tens de ganhar

confiança? / Não é confiança, a confiança que eu ganho é cara a cara, não é pela mensagem, é só mesmo para conhecer melhor a pessoa». (E1)

De facto, pelo discurso dos jovens percebeu-se um maior desprendimento nestes primeiros contactos virtuais, em que a vertente da exploração parece estar mais presente do que no mundo presencial. Tal ênfase pode estar relacionada com a percepção de um universo de possibilidades quanto a pessoas a conhecer muito mais alargado do que no mundo presencial, porque é mais simples estabelecer a ligação, através de *emojis*, *stickers*, reações, porque as interações podem seguir o tempo do próprio, já que não precisa de responder logo, ou não precisa de responder de todo, caso percam o interesse.

«E é o mesmo, deixar de falar na rua e deixar de falar nas redes sociais? / Não, acho mais fácil deixar de falar nas redes sociais do que na rua. / Porquê? / Porque nas redes sociais é só parar de responder, na rua se você cruzar com a pessoa todos os dias...é difícil». (E1)

V. ACESSO A TEMAS DE INTERESSE

A exploração em torno das redes sociais nestas entrevistas centrou-se quase em absoluto na comunicação e nas relações estabelecidas, tendo sido pouco enfatizada pelos jovens a vertente de acesso a conteúdos desligados das pessoas que os partilham.

É possível que tal tenha sucedido por efeito da entrevistadora ter acentuado mais este tipo de exploração, não sendo, portanto, possível concluir qual a vertente que tem mais relevância para os jovens na utilização das redes sociais. De todo o modo, considera-se não ser desprezável que esta vertente de acesso a conteúdos que não os da vida pessoal, mais frequentemente vídeos, tenha sido essencialmente ligada, pelos jovens, às pessoas que os partilham.

Para além desta via, os jovens entrevistados mencionaram ainda o acesso a conteúdos por estes aparecerem na sua página de rede social ou porque começaram a seguir páginas temáticas. Em qualquer um dos casos trata-se de um acesso relativamente passivo, no sentido em que, embora possa haver alguma seleção por a um dado momento terem escolhido seguir certas páginas ou contas, no dia a dia, predominantemente, não são os jovens que fazem uma pesquisa sobre um tema do seu interesse, veem o que lhes aparece.

Os conteúdos visualizados parecem ter, essencialmente, uma função de entretenimento, proporcionando, principalmente, boa disposição.

«Quando estás no *Youtube* que vídeos é que gostas de ver? / Vídeos assim para rir, para entreter assim, quando estou no tédio. / Fazes pesquisa? / Não, carrego nos vídeos, é o que estiver lá. / E o que é que te aparece? / Costumam aparecer os indianos a construir casas à mão, com uma pá,

jogadores a jogar à bola, histórias de cantores, coisas assim do género (...) É mais quando estou na seca mesmo, não ter nada que fazer». (E3)

«*Beefs* é confusões, rixas. / Rixas entre quem? / Entre *gangs* ou então as cenas da América, tipo como é que estão as cenas na América, na Inglaterra também, que eu gosto. / Mas de *gangs*? / E não só, de cantores também, notícias da América, também gosto de ver coisas no *Twitter* que é os 'avacalhaços, as confusões, dá para ver confusões de *gangs* e também dá para ver confusões entre pessoas a falar no *Twitter*, os famosos gostam muito de falar no *Twitter* a mandar indiretas, assim como aparece na CMTV dá para ver muito nas indiretas do *Twitter*, se você seguir você consegue ver isso todos os dias, então, dá para ver um bocado, para rir, para partilhar». (E6)

VI. EXPRESSÃO INDIVIDUAL

Uma das finalidades amplamente valorizada na página oficial do *Instagram* tem que ver com a possibilidade de os jovens expressarem a sua individualidade, subentendendo-se que o fazem para uma audiência de seguidores na plataforma.

Nas entrevistas realizadas esta finalidade foi pouco valorizada, isto é, as redes sociais não foram propriamente identificadas como o meio, ou sequer um meio que lhes permita expressarem-se, não nestes termos. Observa-se, sim, um certo cuidado na escolha do que partilham, desde logo na edição das fotografias, para mostrarem a sua versão mais bonita.

«E tens algum cuidado especial nas fotos que tiras, por exemplo, de ti, usas filtros? / Às vezes sim, às vezes não. / Em que circunstâncias é que te levam a usar o filtro? / Quando ainda estou a acordar, a responder às fotos uso sempre um filtro, mas depois, de cara lavada, já não uso. / E o que é que achas dessa situação de se poder usar filtros para se tirar fotos e mandar? / Acho que é para ficar mais bonito. / Até que ponto os jovens usam filtros? / Quase todos usam, em fotos publicadas, devem ser poucos os que não usam filtros. / Podes sempre pensar, isto está muito giro, mas tem filtro. / Já não pensam, já é natural as pessoas colocarem filtro, até parece que é real». (E7)

A escolha do que partilham sobre si pareceu ser guiada, sobretudo pela audiência, considerando os critérios da proteção da sua privacidade, da prevenção de comentários com críticas, bem como da satisfação deste público. Estes jovens antecipam que numa audiência mais alargada, como na página pública do *Instagram*, a exposição é maior e a probabilidade de críticas destrutivas também maior.

«Ali tenho de selecionar muito bem as coisas que ponho porque não sei quem é que está a ver. Posso pôr lá aquilo que eu vejo que não expõe muito a minha vida, por exemplo, se eu for dar

um passeio a algum lado, e que não é muito importante para mim. Agora coisas que eu acho que já expõem a minha vida, não vou publicar naquela, vou publicar na outra. Ponho paisagens, passeios que eu dou, ou se for uma festa, também posso pôr, se for com amigos, porque se for com a família já não meto naquela conta». (E2)

Tanto na página pública como na privada é dada uma atenção particular ao *feedback* dos outros. Entende-se um certo consenso em torno da ideia de que na página privada mostram mais quem são verdadeiramente do que na página pública, assumindo que na pública colocam alguns elementos superficiais e na privada colocam fotos ou vídeos que mostram mais de si.

«Eu não penso muito na imagem que tenho no *Instagram* ou isso. Só vejo aquilo que me dizem. Na rua às vezes vou a passar e vejo um seguidor, tipo uma pessoa da minha zona que me vem cumprimentar e a pessoa diz ‘Hi ... as pessoas têm imenso respeito por ti no *Instagram* e publicam muitas cenas tuas e tal’, e eu fico contente e tal». (E6)

É de notar que o discurso dos jovens vai mais no sentido de que estão a mostrar a sua vida do que o de que estão a mostrar quem são, globalmente, não parecendo haver uma ambição de apresentar uma identidade coesa, mas antes segmentos de experiências que revelam algo de si. E de facto, analisando as sugestões de expressão individual na página oficial do *Instagram* encontramos precisamente, em grande plano, a partilha de momentos do quotidiano, com a possibilidade de edição criativa, que é apresentada como uma forma de exprimirem a sua individualidade. Portanto os jovens podem exprimir a sua individualidade pelas peças da sua vida que seleccionam, pelos *emojis* e *stickers* que escolhem, pela colocação de áudio, texto, filtros, nos seus conteúdos audiovisuais, ou pela seleção dos conteúdos que recebem e partilham.

A questão da privacidade e da exposição foi bastante abordada pelos jovens na diferenciação entre contas com maior e menor abrangência de público, tendo em conta a sua proximidade relacional. Perante pessoas mais próximas revelam não se importar de se mostrarem em situações menos ponderadas em termos de imagem, ou vídeos em situações mais ridículas e humorísticas, bem como imagens ou vídeos mais comprometedores quanto ao desvio das regras sociais e/ou legais, por entenderem que eventuais críticas são bem-intencionadas. Contudo, as suas apreciações quanto ao que é da esfera mais privada e mais pública são variadas, desde o jovem que considera tudo privado ao que considera tudo público.

«Tenho uma página que é para toda a gente, é privada, mas eu aceito toda a gente, amigos, amigos de amigos, família, inimigos, tudo, toda a gente, e depois tenho uma que é privada que eu vejo quem é que me pede para seguir e vejo se aceito ou não. É só para amigos. / Amigos

sendo pessoas que tu conheces mesmo? / Sim, e também pessoas que eu sei alguma coisa sobre elas e é onde 'posto coisas, na normal». (E5)

«A pública é mais um perfil/ *Influencer*. Mas há quem coloque no público as coisas que eu coloco no privado. Isso varia de pessoa para pessoa.» (E7)

VII. PASSAR O TEMPO

Embora esta função se cruze com todas as outras, na medida em que todas implicam dispêndio de tempo, considera-se importante destacá-la por os próprios jovens a terem mencionado com um valor próprio, isto é, a participação em redes sociais, independentemente da valência, como um *passa-tempo*, algo para fazer quando se está aborrecido e nada mais ocorre. Algo que é fácil, basta pegar no telemóvel, que não implica um particular esforço ou equipamento, só aquele que sempre acompanha.

«É uma certa curiosidade sobre as pessoas também? / Não é bem uma curiosidade, mas é para passar o tempo, gosto de passar o tempo a preencher o tempo (...) / E o *TikTok*, também é para passar o tempo, para entreter? / Sim, quando já vi as histórias todas que eu quero ver, ou quando eu estou farto de ver histórias, vou ao *TikTok*, ou quando 'tou no *TikTok* e vejo vários vídeos e já me aborreço, vou ver o *Instagram*, ou então vou ao *Twitter* para ver os *beefs*, 'tá a ver». (E6)

VIII. GESTÃO DO HUMOR: DESCONTRAÇÃO

Novamente, esta função cruza-se com outras utilizações das redes sociais, mas foi destacada pelo seu valor próprio, o valor de ir às redes sociais, independentemente, ou quase, do tipo de utilização, para descontraír, para não pensar em problemas. Isto parece basear-se no pressuposto de que nas redes sociais os conteúdos que aparecem (como se expôs anteriormente, os jovens parecem aceder mais a conteúdos que aparecem do que a pesquisar ativamente por conteúdos específicos) são potenciadores dessa descontração e distração, por serem leves, divertidos, seja o que é colocado nas redes seja o próprio teor das conversas, em que os amigos são procurados, por vezes, para um suporte emocional relativo ao problema, mas, mais frequentemente, para ajudar a retomar a boa disposição.

«Achas que as pessoas nas redes sociais levam as coisas mais a sério, menos a sério a falar com os outros? / Eu acho que levam mais descontraídos, são mais descontraídos nas redes sociais. / Porque é que achas isso? / Sinceramente, também não consigo explicar. Eu falo por mim, eu nas redes sociais sou mais descontraído, sim. Porque sei o que aquilo é, ali é um mundo à parte. / Um mundo onde tu podes ser mais descontraído? O que é que será que te ajuda a ficar descontraído nas redes sociais? / Ali dá para desabafar com amigos que tenho e estão longe, amigos assim mais de confiança, e então a gente sente uma maior descontração através dele, porque, por exemplo, se eu andar *stressado*, eu aqui na rua posso andar a descarregar em

qualquer pessoa e nas redes sociais já não, porque depois vou estar a ver, por exemplo, histórias de outras pessoas, vídeos que estão lá e acabo por esquecer os problemas que tenho e fico mais descontraindo. / Ajuda a descontrair. Isso é interessante. E descontrais a ver as publicações das outras pessoas? / Sim, deve ter lá vídeos que as pessoas às vezes publicam. E eu fico a ver isso, fico a falar com amigos e acabo por esquecer aqueles problemas que tenho e ajuda-me a não ficar tão *stressado*, já consigo ficar mais descontraindo, mais calmo. (...) / E como é que os amigos te ajudam a descontrair nas redes sociais? / Por exemplo, se eu ligar para eles, já falamos e a gente começa a falar de coisas que já vivemos e a lembrar os momentos passados. A gente começa a rir, depois ficamos ali horas e horas a falar e acabamos por esquecer. / Mas acabas por não falar das coisas que te estão a deixar triste ou chateado. / Não, a maior parte das vezes não, e é o que me ajuda mais é esquecer isso». (E2)

IX. ALBÚM DE MEMÓRIAS

Trata-se de uma valência menos apontada pelos jovens, mas, ainda assim, algo referida, reportando principalmente ao *Instagram*, pela possibilidade de haver um registo histórico de mensagens, vídeos, ao qual se pode retornar para recordar, naquilo que parece uma versão moderna do álbum de fotografias impressas, neste caso, um álbum digital, dinâmico, com fotos e vídeos, bem como os comentários do próprio e dos outros.

«Eu tenho muitas memórias com pessoas e coisas nos *stories* antigos que eu postava. Por exemplo, postamos uma foto hoje, daqui a três anos vais ver e vais criar uma memória com isso, 'tá guardada, tu podes ver quando tu quiseres. Às vezes nem se lembravam de ver essa foto, vão ver depois de anos, criam essa memória na cabeça, eu tenho esta foto com esta pessoa, foi giro, e esse dia, já me lembrei desse dia, sei como é que é. E é importante criar memórias, que é isso que nos resta, criar memórias, que temos com as pessoas, com as coisas, com os animais, com as crianças». (E5)

Um álbum a que se pode retornar e republicar para o grupo, obtendo um novo *feedback*, onde se podem ir buscar fotos para datas simbólicas, para homenagear alguém ou lembrar uma pessoa significativa que morreu.

EQUILÍBRIO ENTRE TEMPO VIRTUAL E TEMPO PRESENCIAL

Nas entrevistas, estes jovens pareceram ter a ideia de que as redes sociais virtuais são uma parte menor do seu dia-a-dia, situando-se nos intervalos da vida, nos tempos em que não estão com os amigos, em que não estão a fazer nada. A proporção do tempo presencial em comparação com o virtual foi colocada como dependendo da relação em causa, bem como de fatores contextuais, como as férias, por exemplo.

«E achas que falas mais com os teus amigos nas redes sociais ou na rua? / Acho que é igual. Para umas pessoas falo mais nas redes, para outras falo mais pessoalmente». (E6)

«Se estamos juntos não falamos através das redes sociais, falamos pessoalmente, mas em período de férias e assim, é quase tudo por *Instagram*». (E7)

O tempo presencial foi consistentemente mais valorizado por todos do que o tempo virtual, sendo as interações mais significativas remetidas para o tempo presencial sempre que possível.

«A minha vida, a minha vida é muito mais importante do que as redes sociais! / A tua vida para ti é o quê? Quando dizes, a minha vida é mais importante, estás a pensar no quê? / No meu futuro. Não vejo o meu futuro com um telefone na mão a responder a mensagens. / Vês como o teu futuro? / Não sei, uma família, uma casa, como a maioria das vidas. / As redes sociais são mais um.../ *Passatempo*». (E1)

O QUE SE PARTILHA NAS REDES SOCIAIS

Aquilo que se partilha depende de vários aspetos, um deles, quais são os **destinatários**, se são membros da família, amigos, conhecidos ou desconhecidos. Considerando a existência de variações inter-individuais, os jovens tendem a referir que com públicos mais próximos mais facilmente partilham conteúdos em que se expõem mais, como atrás referido, mas considerando as sensibilidades destes. Em particular, deram exemplos de como há conteúdos que partilham com os amigos mas não partilham com a família por não acharem apropriado. Assim, o *feedback* dos outros é considerado nos conteúdos a partilhar, seja numa lógica de não ferir suscetibilidades (pelo menos quanto à família), de evitamento da crítica, ou mesmo de aprovação.

« (...) os que são mais importantes estão na 'Priv, 'tá a ver, e eles, e elas, veem o meu comportamento, e eu mostro também aquilo que eu fumo ou não fumo, aquilo que eu bebo ou não bebo, aquilo que eu como ou não como, as minhas brincadeiras com amigos e amigas, publico tudo na 'Priv, e só fotos e espécies de desabafos, ou então histórias engraçadas meto lá na principal». (E6)

«Por mais que mando coisas assim para o grupo da família, para rir com os amigos, é aquela coisa que é mais, já é mais um nível *hardcore*, para rir, não é tão, tão contido, por causa da família, está lá a minha mãe». (E4)

«Então se tu puseres lá uma coisa que tu achas que foi super engraçada e depois ninguém diz nada, o que é que ficas a pensar? / Apago ou qualquer coisa do género. / Apagas porquê? / Ninguém reagiu, ninguém disse nada». (E7)

As expetativas de *feedback* de alguma forma se relacionam com o tipo de proximidade que se tem com a outra pessoa, sendo-se mais exigente para pessoas entendidas como mais próximas. A amizade supõe determinadas expetativas no mundo presencial, e, também, no mundo virtual.

«Então um bom amigo que comportamento é que teria em relação ao teu *Instagram*? / Um bom amigo responderia aos meus *posts*, ou mete gosto nos meus *posts* ou comenta uma foto nova ou um gosto». (E6)

Quanto ao conteúdo, foi amplamente destacada a partilha de conteúdos alegres, que reflitam boa disposição e mesmo humorísticos, que deixam as outras pessoas bem-dispostas e que os apresentam em situações de boa disposição. Um dos jovens mencionou também a partilha de outro tipo de conteúdos, de situações que não correm bem, mas no grupo da família.

«Sim, porque se fizemos o grupo é para falar com a família, não vamos estar só a falar de coisas que correram bem, falamos de várias coisas. É para falar, para dialogar no grupo, por isso.» (E4)

Ao conversar com um jovem sobre este filtro da partilha da alegria nas redes sociais questionou-se sobre as partilhas em modo presencial, concluindo-se que também para estas existia este filtro. Até que ponto a interação nas redes sociais não é apenas o reflexo da interação presencial na seleção de tópicos que não firam suscetibilidades, que evitem críticas ou sejam do agrado dos outros, tópicos que proporcionem uma experiência leve e animada? Ou será que as redes sociais vêm, mesmo que não seja criar, mas, aprofundar este tipo de dinâmica no modo presencial?

«É alegria que se está a partilhar. / Presencialmente partilhas tristezas? / Ao vivo? Não, não, não». (E1)

Um outro aspeto enfatizado quanto aos conteúdos partilhados tem que ver com a partilha do que se gosta, músicas, filmes, comidas, lugares. Há uma partilha de quem se é, naquele momento, a partir dos interesses revelados, afinados, contudo, pelas expetativas quanto à recetividade dos seguidores e pelo posterior *feedback*.

E quanto ao **formato** do que se partilha? As próprias páginas de anúncio às redes sociais dão exemplos visuais e apresentam ferramentas para um certo formato de interação.

Por exemplo, na página do *Instagram* são referidos os *reels* (apresentados como vídeos *divertidos*, de 90 segundos, passíveis de serem editados com textos, filtros, áudio), as *stories* (sugere-se a partilha de *momentos do dia a dia, especiais, divertidos e casuais*, através de fotografias ou vídeos editáveis), os *add yours, polls, question stickers* (que permitem ter *feedback* dos amigos através de ilustrações animadas), as *direct messages* (DMs, apresentadas como uma forma de enviar mensagens, fotos e vídeos a amigos, podendo personalizá-las com efeitos, bem como partilhar *posts* e falar por videochamada).

Estas possibilidades são demonstradas com uma imagem de um telemóvel onde passa uma sequência de fotografias, *stickers, emojis*, vídeos com *likes* e comentários não ultrapassando uma linha, ou as *threads* (apresentadas como uma forma de partilhar ideias e conectar-se através da conversa). Por sua vez, na página do *WhatsApp* anuncia-se a possibilidade de enviar mensagens simples e chamadas de voz ou vídeo.

Nas entrevistas realizadas os jovens fizeram referência a muitos destes recursos, os vídeos, as fotografias, os *stickers*, os *emojis*, as DMs, as *stories*, em que o texto curto e simples é completado, ou completa, os conteúdos audiovisuais.

«É tudo, é áudio, é mensagens escritas, é vídeos, por acaso fotos é assim mais coisas para rir, depois é os vídeos que nós mandamos (...) Não há assim uma coisa tanto que seja mais, não, acho que até é mais os áudios, para não estar a escrever tanto mandamos os áudios assim, também dá para perceber melhor, é isso». (E4)

«Pôr uma foto dá para falar, dá para escrever na foto, e mesmo uma foto, se eu mandar uma foto, porque lá está, não é só a boca que fala, expressões falam também, então podemos falar através de uma foto». (E4)

«O que é que tu achas dos *emojis*? / É uma boa fonte para explicar o que a pessoa está a sentir no momento». (E3)

«Atualmente fala-se por fotos, já nem é por escrito. Pegamos numa foto e escrevemos, em vez de escrevermos por mensagem escrevemos na foto enviada. E a outra pessoa responde, por exemplo, está em casa, tira uma foto e responde na foto. É trocar fotos». (E6)

Os jovens acentuam o potencial que a imagem tem para comunicar ideias e sentimentos, bem como implicar menos tempo e trabalho. Aqui, no caso do *WhatsApp*, o áudio também surge como um recurso para não ser necessário escrever. Privilegia-se uma comunicação simples, visual, que implique pouco

tempo e esforço por mensagem, rápida, dinâmica, e, de alguma forma, sugestiva, na medida em que se deixa ao outro um maior ónus de interpretar qual a mensagem que está a ser transmitida através da imagem.

À natureza desta comunicação não será alheia, porventura, a situação de no dia a dia os jovens frequentarem várias plataformas de redes sociais e contactarem com várias pessoas e grupos, por vezes quase em simultâneo, o que é permitido pelo registo escrito e imagético. Se se projeta no outro o mesmo grau de (in)disponibilidade mais facilmente se enviarão mensagens simples e apelativas, que possivelmente captarão uma maior atenção e reação.

COMUNICAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Evidencia-se, portanto, que a comunicação nas redes sociais tem as suas características próprias, com amplo recurso a elementos audiovisuais. Nas entrevistas explorámos como estes elementos se conjugam ou são utilizados para diferentes tipos de situações, bem como algumas interpretações que tendem a ser feitas a partir de determinadas opções.

Nas mensagens escritas é dada particular atenção à pontuação para perceberem qual o tom da mensagem, bem como para transmitirem a sua própria disposição.

«A que coisas é que estás atenta quando a pessoa escreve, para perceberes como é que a pessoa se está a sentir? / A os sinais de pontuação. / Ok, se for um ponto de exclamação vais interpretar como sendo o quê? / Umas pessoas chateadas. Se for *caps lock* é porque a pessoa está a gritar, se for três pontos, reticências, é porque a pessoa está mal, está triste». (E5)

«Eu, por exemplo, se eu já me cansei de uma conversa assim que já está a haver há muito tempo, assim, já 'tôu a ficar farto da conversa, o que eu faço é mando um ponto de interrogação, interrogação não, um ponto final mesmo. Mando um ponto final e envio. Ponto, acabou, um ponto acabou.» (E4)

Os *emojis*, *stickers*, fotografias, vêm por sua vez complementar o texto para ajudar a transmitir a emoção certa. Contudo, pese embora o entusiasmo pela utilização destes recursos, particularmente das fotografias, a generalidade dos jovens entrevistados estabeleceu uma hierarquia de vias de comunicação tendo em consideração a importância do tema, associada à qual está a relevância de transmitir e compreender as emoções associadas. Neste campo, para assuntos mais leves as mensagens escritas e as imagens são entendidas como suficientes. No entanto, se o assunto é mais importante, por exemplo, por envolver um conflito, já se considera útil usar o áudio e, se for mais importante ainda, conversar pessoalmente.

«Eu quando tenho coisas sérias a resolver raramente é por mensagens. Prefiro falar por chamada para deixar já tudo esclarecido. / E porque é que preferes fazer isso? / Para a pessoa perceber que é a sério também. / Exatamente, para verem que estás mesmo a falar a sério. Porque, falar diretamente tem outra importância? / ‘Hum hum, tem outro impacto na conversa e na pessoa». (E1)

Por um lado, a presença da voz, do contacto direto, por voz e ao vivo, têm associados uma maior importância dada ao tema e à pessoa. Por outro lado, confere-se a estas vias um maior potencial de clarificação da mensagem, seja quanto aos argumentos, seja quanto às emoções envolvidas. Numa comunicação bidirecional e síncrona, é mais fácil questionar, esclarecer, debater. No exemplo em baixo, as trocas de opinião nas redes sociais podem ser limitadas à partilha de argumentos pesquisados na *internet*.

«Por exemplo, se eu partilhar um jogo de futebol que eu gostei muito por mensagem, as pessoas vão ver, vão comentar ‘ah isso foi um ganda jogo’, agora se for cara a cara, digo, por exemplo, que a outra equipa joga melhor que a outra por esta razão, que há um jogador melhor que outro por esta razão, por exemplo o que eu mostro na *internet* do futebol não é a mesma coisa que o falar cara a cara porque o falar cara a cara, eu gosto de debater com as pessoas, eu gosto de debater com as pessoas, não nas mensagens, não vale a pena. / Pois não vale a pena porquê? / Porque imagine, eu sei que uma equipa é melhor que a outra, vou à *internet* e pesquiso qual é que é a melhor e a *internet* diz, agora cara a cara gosto de debater mesmo, mostrar que uma equipa é melhor que a outra por estas razões». (E1)

Ao vivo há uma maior segurança do envolvimento da outra pessoa na conversa. Através de um telemóvel, esta pode estender-se no tempo, porque a outra pessoa pode não responder logo, pode mesmo não se desenvolver porque a pessoa pode não responder e, respondendo, não há certezas se leu com atenção, antecipando-se que o tempo de atenção às interações nas redes sociais é menor.

«Porque é que será que encontrar a pessoa diretamente ajuda mais para resolver um caso grave? / Porque dá para falar melhor e explicar melhor a situação. Se for por escrito, se não me apetecer ler eu não vou ler. Também é mais por aí e pessoalmente já não. Por exemplo, eu posso mandar uma mensagem e a pessoa diz ‘ok’, só. Ou então, se for preciso, nem vê. E eu aí não sei se a pessoa leu ou não». (E2)

Pelas nuances no tom de voz, pelo olhar e restante expressão corporal é mais fácil captar adequadamente as emoções dos outros e transmitir as suas. A interação ao vivo é entendida como mais calorosa, com um maior potencial de transmissão de vários tipos de afeto.

«Porque há coisas que devem de ser ditas a olhar nos olhos das pessoas para ver o que é que as pessoas vão sentir e ou o que é que nós vamos sentir e por mensagem não dá para saber isso, apesar de dar para perceber muito bem como é que a pessoa 'tá, assim emocionalmente, pela forma como a pessoa escreve, como digita, mas não dá para perceber assim tão bem como dá para perceber no frente a frente». (E5)

É interessante notar como esta comunicação que ocorre nos intervalos da comunicação presencial parece ser entendida pelos jovens como algo mais superficial, conveniente, que permite entreterem-se e acompanharem-se mutuamente quando não estão juntos ou combinarem encontros juntos. É como se fosse uma comunicação de corredor, antes e após o verdadeiro evento, do encontro presencial. Caso surja um assunto mais importante ou um conflito, este é remetido para o modo presencial. Embora simbolicamente a comunicação presencial pareça ocupar mais espaço, na prática fica a questão se, em muitos casos, não será a comunicação presencial que fica nos intervalos da digital.

Uma outra via usada por estes jovens para comunicar digitalmente nas redes sociais consiste em bloquear a outra pessoa para mostrar que está zangado, tratando-se, porventura, do equivalente digital a virar costas e deixar de falar, ou “amuar”, é uma forma de parar a conversa, por vezes para impedir que esta progrida para níveis de conflito de maior gravidade, muito mais fácil de concretizar no mundo digital, em que a pessoa fica mesmo impedida de responder.

«E o que é que te leva a bloquear uma pessoa? / Evitar chatices que podem vir a dar asneira, que podem vir a ser mais sérias, é isso. Mas acontece hoje em dia é mais nos casais, nos relacionamentos, por exemplo chateiam-se e bloqueiam-se e já me aconteceu, eu já bloqueei a minha namorada, ela já me bloqueou a mim, chateámo-nos, estávamos a discutir assim no telemóvel, ela bloqueia-me, eu bloqueio a ela (...).» (E4)

Entre o virtual e o presencial, todos os jovens, exceto um, salientaram que preferem estar presencialmente com os amigos e fazem uma distinção entre o tipo de relação que se pode desenvolver virtualmente e a que se pode desenvolver presencialmente, por presencialmente se poder apreender melhor quem a outra pessoa verdadeiramente é, por se poder mostrar melhor quem se é. O jovem que referiu ficar mais nas amizades virtuais, apontou-o por ser uma situação mais confortável e protegida.

«E achas que há alguma diferença na criação da amizade na rede social e criação da amizade no frente a frente, é mais fácil de uma maneira ou de outra? / No meu ver é frente a frente mesmo, porque eu conheço uma pessoa na rede social, eu não vou ter mais confiança na pessoa na rede social que no frente a frente. No frente a frente posso ganhar mais confiança

na pessoa que na rede social, nunca vi a pessoa, não sei se o que ela diz é verdade ou não, enquanto o frente a frente vivo, entre aspas, vivo mais com a pessoa, lido mais com a pessoa assim, vejo mais, ouço mais, vejo assim mais, se calhar o que ele me disse é verdade, se calhar o que ele me disse é mentira no *Instagram*. Eu acho que é mais confiável frente a frente que no *Instagram*, numa rede social». (E4)

«E preferes falar na rede social ou cá fora? / Cá fora. / Porquê? / Para as pessoas verem como é que eu sou de verdade. Eu, sempre que as pessoas me conhecem e veem quem é que eu sou realmente, como é a minha forma de ser, gostam sempre muito de mim. Então a falar na *internet* a pessoa pode não ver muito bem como é que eu sou, pode não gostar muito de mim por eu ser seca a falar, e a pessoa gosta sempre muito mais de mim quando eu 'tou a falar cara a cara. / Então na rede social não se sabe muito bem como é que a pessoa é? / Temos uma ideia. / Como é que se faz uma amizade com uma pessoa de quem só se faz uma ideia de como ela é? / Conhecendo-a melhor, pedindo para sair com ela, combinar e ir fazer alguma coisa». (E5)

O que é que acontece mais ficas a falar no *Instagram*, só.... / Acontece mais ficar só pela net sim. / Porquê? / Porque acho que a gente acaba por não ir buscar, conhecer a pessoa. / E por que será que isso acontece? / Porque acho que não há paciência para sair, na realidade. E se for preciso vai-se conhecer a pessoa e a pessoa não aparece, isso também pode acontecer, às vezes mais vale não arriscar, e nunca se sabe o que é que está do outro lado, por isso, não, prefiro estar quieto». (E2)

REALIDADE E FANTASIA NAS REDES SOCIAIS

Como abordado anteriormente, quando o assunto é sério, estes jovens preferem abordá-lo diretamente, em presença, remetendo quer para as limitações da comunicação digital vs a comunicação presencial, quer para um sentido de importância diferencial entre os dois meios de comunicação.

Ao abordarem o assunto de conhecer novas pessoas através do *Instagram* parece haver, também, uma certa vivência de exploração mais evidente do que no meio presencial, proporcionada pelo incontável número de perfis de pessoas por conhecer, quer pela maior facilidade com que este primeiro contacto pode ser executado.

No desenvolvimento deste tema, vislumbrou-se a presença, nestes primeiros contactos, de uma certa dúvida subjacente, uma dúvida quanto a quem a outra pessoa é. De facto, o pedido para seguir baseia-se num perfil que é apresentado, com uma ou mais fotografias, *posts*, comentários, e a conversa costuma

desenvolver-se por escrito. Estes jovens têm conhecimento, alguns em primeira causa, da possibilidade de conceber perfis falsos, ou da medida em que um perfil pode estar muito distante da realidade.

É possível criar-se um personagem nas redes sociais, com um certo género, idade, aparência, gostos pessoais, etc. e, a partir deste, estabelecer uma rede de contactos, com diferentes tipos de propósitos. Quando estabelecem um contacto com alguém, por sua iniciativa ou a aceitar um pedido, estes jovens vão movidos de um interesse em conhecerem a outra pessoa e eventualmente desenvolver uma relação mas, também, com a premissa de que a outra pessoa pode não ser real, na medida em que pode, em alguns aspetos, não ser quem diz ser, como por exemplo, serem mais velhos, ou não serem mesmo, de todo, a pessoa que aparece na foto, o que se reflete num questionamento implícito sobre a genuinidade do que o outro diz sobre si. Para aferirem se a outra pessoa é real, tomam atenção a alguns aspetos, como por exemplo, se a outra pessoa mostra mais fotografias suas, se mostra vídeos, se faz videochamadas. Neste sentido, alguns jovens referem que, para conhecerem verdadeiramente o outro, é necessário encontrá-lo presencialmente.

«Porque a gente não consegue ver ninguém, realmente eu posso estar com um utilizador e ser outra pessoa. Você pensa que está a falar com uma pessoa, mas está a falar com outra. Isso nunca me aconteceu, mas é o que pode acontecer. Imagine, você está a falar comigo há uns dois meses, pensa que eu sou uma pessoa, chega a hora de se encontrar por exemplo, é outra pessoa que você estava a pensar, que você não pensava sequer». (E1)

«É confortável para ti, estares a falar com uma pessoa que não tens a certeza quem é? / Primeiro tenho de investigar a pessoa. / Como é que investigas? / Se a pessoa faz diretos, se não faz. Se as fotos são sempre iguais, se não são. Se eu vejo alguma anomalia diferente, já fico desconfiado. / OK. Então se a pessoa fizer diretos tens um bocadinho mais de confiança? / É, eu tenho porque consigo ver que é mesmo uma pessoa real e vejo se a cara bate com as fotos ou não. É mais prático. (...) Quando eu vejo que o perfil é falso, fico desmotivado. / Já te aconteceu? / Já, já me aconteceu muitas vezes. Também já tive uma amiga, eu pensei de a pessoa ser real e não era. / Então? / Então havia muitos perfis com as mesmas fotos. Aquilo era tudo falso. / E chegaste a perceber quem é que seria que faria isso? / Não, nunca descobri. Quando há muitos perfis com a mesma foto é um bocado difícil descobrir quem é que é. / Como é que te sentiste? / Senti-me enganado! Mas depois habituei-me, fui-me apercebendo que as redes sociais são assim mesmo. / Então vai-se para as redes sociais, já com a ideia de que essas coisas podem acontecer? / Sim, eu, pelo menos já fico assim. Já sei que pode aparecer alguém que não é essa pessoa». (E2)

HOSTILIDADE NAS REDES SOCIAIS

A generalidade dos jovens entrevistados partilhou uma experiência muito positiva com as redes sociais, sendo o universo das experiências potencialmente danosas, para o próprio ou para os outros, muito diminuto, em comparação.

Deste universo, talvez o que tenha sido mais comentado, transversalmente a todos os jovens, sejam as reações ou mesmo comentários críticos a fotografias, vídeos ou *posts* em geral seus, mas principalmente, fotografias ou vídeos, denotando-se que esta possibilidade vai de alguma forma estando presente no cuidado que têm na seleção das imagens suas que colocam em redes mais abertas, com um público mais alargado, que inclui pessoas que apenas os seguem na *internet*. Apesar de fazerem referência a este cuidado, nas entrevistas assumem uma atitude de desvalorização desse tipo de comentários, revelando alguma segurança na possibilidade de, a qualquer momento, simplesmente poderem bloquear a pessoa e não mais receber essas críticas.

«Que tipo de mensagens é que estás a pensar que podem afetar a outra pessoa, que pode levar a ter depressões, e tudo isso? / Ofensas, há pouco tivemos aqui um programa que também falava sobre isso. Falava sobre esse tipo de mensagem para ofender a outra pessoa e isso assim. / Para alertar. Que tipo de mensagens é que achas que ofende as outras pessoas? / Chamarmos nomes, ofendermos a família da pessoa, e isso assim. / E há quem faça isso nas redes sociais? / Há e não é pouco. / A sério? Como é que fazem? / Pode ser através das publicações, mensagens. / Publicações, o quê, no *Instagram*? / Sim, pode ser no *Instagram*, no *Facebook*, no *Twitter* também, através de mensagens, mas também o *WhatsApp*. Tem esse tipo de coisas». (E2)

«Sem ser de brincadeira eu respondo então e o que é que tem? Depende da pessoa 'tá ver? Depois ou bloqueio a pessoa ou se conheço a pessoa e começar a ver, eu bloqueio a pessoa, não te conheço, não te conheço de lado nenhum, sigo-te aqui não falo contigo no *Insta*, tu segues-me eu sigo-te ok, dei-te o coiso para 'tares nas minhas redes sociais agora eu publico uma foto e tu 'tás a querer tirar-me pinta, ok, então arrancas, não ficas na minha rede social então». (E4)

Analisando as diferenças entre o modo presencial e o modo virtual quanto ao desenvolvimento de um conflito mais violento, os jovens identificam algumas valências da *internet* que são potencialmente promotoras deste conflito, mas também, valências que são potencialmente dissuasoras. Adicionalmente, fazem referência a que estas diferenças variam de pessoa para pessoa.

Alguns jovens salientam o papel facilitador da hostilidade pela impunidade das ações na *internet*, associada ao anonimato, outros salientam o papel dissuasor desta hostilidade na medida em que não há uma presença física e é mais fácil parar e refrear os ânimos.

«Achas que é mais fácil fazer isso nas redes sociais do que ao vivo? / Eu acho que sim. / Porquê? / Porque a pessoa também já não se expõe assim tanto. E porque pelas redes sociais, qualquer um faz qualquer coisa. / Sim? Como é que é isso? / Por exemplo, eu se for aqui já posso ter tipo vergonha de dizer ou não sentir coragem, nas redes sociais já não. / Nas redes sociais tem-se menos vergonha? / Sim, porque você já não está a dar a cara». (E2)

«Isso também depende muito da pessoa. Na rua a pessoa pode já estar chateada por outra coisa e se eu for falar do assunto pode já gerar conflito aí. Mas no *WhatsApp* pode pensar, vai falar comigo assim... vai querer falar comigo noutro momento. Na rua vai despejar tudo logo». (E3)

«Há pessoas que nas redes sociais se irritam mais facilmente que na rua. Outras é ao contrário. Eu sou ao contrário, eu irrito-me mais facilmente na rua. Porque dá para perceber a face da pessoa e se a pessoa está a gozar ou não, se estão a gozar com a minha cara ou assim, às vezes os homens têm essa cena, eles gozam mesmo com a cara de um gajo 'tá a ver, ou então vejo eles a gozarem com a cara de outros e eu não gosto, pronto isso 'tá em todo o lado». (E6)

Também no campo dos conflitos mais violentos são feitas distinções quanto ao espaço onde estes se podem verdadeiramente resolver, como sendo o espaço presencial. No exemplo apresentado, é feita uma distinção de género, sendo o interlocutor masculino, aponta a via presencial para resolução do conflito pela escalada física com interlocutores masculinos, permanecendo no conflito verbal pela *internet* no caso das mulheres.

«E aí já te aconteceu alguma vez fazerem-te algum comentário menos agradável? / Isso tem sempre. Mas eu mando mensagem a dizer, se for um rapaz ou um homem, se for um rapaz eu digo 'puto, mano, se queres alguma coisa vai falar com o teu irmão mais velho e ele vem falar comigo', se for um homem eu digo 'mano, se queres resolver as coisas a gente fala cara a cara e não precisas de mandar muita boca' e a pessoa normalmente não responde. Se for mulheres, eu digo, depende do comentário, não sou agressivo para elas, digo 'pá, se é o que tu achas', ou então 'se tu dizes que sim é sim', coisas a mandar, tipo 'cagativo, 'tá a ver». (E6)

Uma segunda linha de hostilidade mencionada pelos jovens consiste no que chamam o roubo da sua conta com o objetivo explícito de os prejudicarem ou, não havendo esse objetivo, com o efeito de os prejudicarem. No primeiro caso o propósito consiste em usar a sua conta para se fazerem passar por eles e atacarem pessoas da sua rede via *internet*, procurando, assim, causar-lhes problemas. No segundo caso,

o propósito consiste em usar a sua conta para fazerem burlas na *internet* através dela, incriminando-os por algo que não fizeram.

«Também pode ser, podem tirar, por exemplo, a foto da pessoa, e criar perfis falsos. Por exemplo para outros fins, para ameaçar as outras pessoas, fazer burlas. / Tu já tinhas ouvido falar disso antes de vir para aqui? / Já. De perfis falsos, isso também é o que há muito. / Como é que isso funciona? / Por exemplo, a senhora pode publicar uma foto, eu posso ir lá, tiro *print* da foto, posso criar um perfil, pôr um nome falso e utilizar sua foto. E depois desse perfil posso criar para ameaçar as outras pessoas, fazer burlas (...) Pode ser para gozar com a pessoa, como pode ser para fazer a burla sem ser apanhado, sim». (E2)

«(...) até já me aconteceu a mim, roubaram-me uma conta e mandaram uma mensagem à minha namorada, a amigos meus. / A fazer de conta que eras tu? / Sim. E eles depois começaram-me a ligar, e eu, atendia e expliquei, 'népia, já não tenho essa conta, roubaram-me a conta, já não sei quem é que está a fazer isso, ok'. Depois passada meia hora está-me a ligar outra pessoa, 'olha 'tás maluco, 'tás-me a mandar essa mensagem para quê', 'não sou eu, roubaram-me a conta'». (E4)

Uma terceira linha de hostilidade referida pelos jovens consiste na **exposição de conteúdo da pessoa a terceiros**, designadamente trocas de mensagens privadas, ou conteúdo em que a pessoa está a ser humilhada ou que é mais passível de comentários dessa natureza, por vezes conteúdo violento mesmo.

«Antes havia mais (chatices), há uns anos atrás. Eram discussões que começavam a *postar* coisas, a mostrar as conversas das pessoas que estavam a discutir, ou vídeos de lutas e isso, hoje em dia já não existe muito isso. / Mas achas que os jovens hoje em dia têm mais cuidado em não expor essas conversas privadas? / Sim, não lhes interessa muito também. / Não tanto pela preocupação, mas porque não têm muito interesse. / Sim, já perceberam muito bem que não tem assim tanta piada como tinha antigamente, éramos mais jovens também, com menos idade, e então também não tínhamos muito essa noção. / Não tinham noção de quê? / De que *postar* coisas de outras pessoas a serem agredidas ou de conversas privadas, íntimas, acho que não tinham muita noção. Falo também por mim, não tínhamos muita noção de que eram coisas que não se deviam fazer, e acho que hoje em dia já temos mais, pelo menos eu já há alguns anos que não *posto* esse tipo de coisas que já cheguei a *postar*». (E5)

CRIMINALIDADE NAS REDES SOCIAIS

Alguns dos exemplos dados no ponto anterior provavelmente entrecruzam-se com este, mas considerou-se pertinente diferenciá-lo pelo carácter mais explícito das referências que, importa salientar, foram esparsas face à totalidade da experiência relatada nas redes.

Uma questão que se procurou indagar nestas entrevistas consiste no papel das redes sociais como facilitadoras ou dissuasoras deste tipo de atividade. É justo afirmar que não se chegou a uma conclusão sobre este. Apresentam-se alguns pontos levantados pelos jovens.

As redes sociais, e a *internet* em geral, são mais um mundo, com possibilidades várias de se realizar atividades à margem da Lei, visando determinados benefícios. O exemplo mais mencionado foi o da realização de burlas sob a capa de um personagem virtual, como por exemplo, a criação de lojas falsas ou de um perfil de mulher que vende fotografias suas (fotografias retiradas da *internet*). É de referir que, apesar do pequeno número de jovens, neste já se contava quem estivesse a cumprir medida por comportamentos ligados ao mundo virtual. No entanto, há referência a situações de maior gravidade.

«Pode acontecer as burlas porque há pessoas que compram coisas em lojas que vendem na *internet* sim, e são realmente 100% confiáveis, mas há outras que não, há outras, por exemplo, uma loja de roupa, podem pôr roupa ali para mandar vir pela *internet*, pedem para fazer transferência bancária, quando fizer já não vai ver mais o dinheiro nem a roupa. Literalmente foi enganado sim. Há muitas coisas que podem ocorrer na *internet*». (E2)

«Já vi pessoas a serem raptadas por causa de mostrarem a entrada da escola, no Instagram dá para puxar para a frente e para trás e já vi pessoas a mostrarem a entrada da escola e o nome da escola, dias a mostrar isso, depois ao fim de algum tempo, a pessoa foi raptada e a família pediu ajuda no *Instagram*, já aconteceu, já tive pessoas a quem eu seguia, que aconteceu isso». (E6)

As redes sociais são apresentadas, também, como mais uma via para comunicar no contexto do desenvolvimento de uma atividade ilícita, sem que, contudo, seja apresentada como particularmente facilitadora. Há referência a alguns cuidados na utilização das redes sociais tendo em consideração o encriptamento e a possibilidade de vigilância.

«Isso como tem as mensagens encriptadas eu disse para mandar mensagens que eu quero que ninguém saiba, 'tá a ver, tipo a polícia, para comprar alguma coisa, assim como estupefacientes 'né. / É melhor que o *WhatsApp*? / É porque agora a polícia está toda no *WhatsApp*. As mensagens do *Telegram* são todas eliminadas, portanto» (E6)

As redes sociais são referidas como uma forma de contactar pessoas ou de ser contactado para a realização de atividades ilícitas, designadamente pessoas que não se conhece presencialmente. Neste âmbito, foi salientado como positivo a maior facilidade que há em dizer que não na rede social e cortar o contacto com a pessoa.

«Há vantagem de podermos dizer que sim ou que não. Se for na vida real e nos disserem ‘vens comigo ali’ não podemos dizer que não, pode parecer mal à outra pessoa, ou a outra pessoa pode-me bater, podemos ser forçadas a ir, ou a outra pessoa sentir-se mal porque nós dissemos que não ou dissemos que sim e a pessoa afinal nem quer ir tanto, eu acho que há uma vantagem sim. / É mais fácil dizer que não se for combinado na rede social? / Sim. Até nem precisamos de responder, bloqueamos ou deixamos mensagem logo. / Alguma vez te fizeram um convite desses que tu dissesse que não ou bloqueasses? / Sim, já. / E depois a pessoa não te chateou mais porque não te conhece no dia a dia? / Sim». (E5)

O CENTRO EDUCATIVO E AS REDES SOCIAIS

Dentro do Centro Educativo não é possível ter o seu telemóvel, pelo que o internamento é uma experiência de retirada das redes sociais virtuais, completa no caso do internamento em regime fechado e parcial no caso dos regimes aberto e semiaberto. Por se tratar de uma atividade realizada diariamente e mesmo várias vezes por dia no meio livre, esperava-se uma referência sistemática à limitação de não poderem usar as redes sociais no período do internamento, o que não aconteceu, pelo menos de forma espontânea. Talvez exista algum viés da entrevista quanto a este aspeto e, porventura, perante uma visita da comunidade, um amigo, talvez esta referência seja feita.

De facto, quando questionados sobre terem sentido ou sentirem falta das redes sociais, a resposta mais comum foi de que sentiram nos dois a três primeiros dias, mas que depois isso passou por terem outras possibilidades de convívio, com os outros jovens internados, e de entretenimento, com jogos disponíveis no CE, de cartas, por exemplo.

«Como é que foi entrar aqui e não ter o telemóvel? / Ao início foi um bocado estranho porque eu pensava que podíamos ter. Mas depois fui conhecendo os rapazes aqui dentro, fui mais convivendo com eles, fui percebendo que nem tudo é ao redor do telefone. (...) os meus pais entretinham-se com jogos de tabuleiro, iam para a rua falar com os amigos. Jogo de cartas, eu não sabia jogar isso, aprendi aqui dentro». (E2)

«Quando vieste para aqui fez-te diferença não teres o *WhatsApp*? / Só no início, mas depois habituei-me. Só nos dois ou três primeiros dias». (E3)

Um jovem salientou as saudades do telemóvel, principalmente na vertente da interação social, referindo o seu questionamento quanto aos seus amigos na comunidade se lembrarem dele e a esta ser uma forma de o saber.

«Tens saudades do teu (telemóvel)? / Fogo! Algumas. No fim de semana uso para ir ao *Instagram*, vejo se tem mensagens. / Quando vês que tens mensagens como é que ficas? / Fico entusiasmado. Só o facto de terem lembrado de mim já é importante. Se for bom ou mau eu respondo.»

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O presente estudo foi desenvolvido com o propósito de aprofundar o conhecimento sobre a utilização de redes sociais pelos jovens internados em Centros Educativos, particularmente com 18 ou mais anos.

A geração de jovens que têm hoje 18 anos cresceu já num mundo altamente tecnológico, com a comunicação via redes sociais virtuais francamente implementada e normativa. Nesta geração, a entrada na adolescência é, frequentemente, acompanhada destes pequenos aparelhos, os telemóveis, que proporcionam caminhos adicionais para ser, estar e interagir num ambiente virtual que se cruza com o ambiente físico e que tem características próprias.

Como se cruzam estas redes físicas e virtuais, que experiências próprias, e outras em comum, existem nestes dois campos, que significados dão os jovens a estas experiências, que potencialidades e dificuldades identificam, são as principais questões que foram sendo exploradas neste estudo. No contexto desta população, questionámo-nos ainda sobre eventuais especificidades na utilização das redes sociais, sendo a mais evidente a de os jovens serem privados da sua utilização dentro do Centro Educativo, mas podendo haver outras.

Nas entrevistas realizadas emergiram alguns temas que foram sendo detalhados ao longo deste documento e que nortearão esta discussão: o que entendem por redes sociais e quais utilizam, quais as principais funções destas redes na sua vida, a relação entre as redes sociais virtuais e as presenciais, a natureza das interações nas redes sociais, as experiências negativas nas redes sociais, os delitos e, a experiência de ausência de redes sociais no Centro Educativo.

REDES SOCIAIS UTILIZADAS

Sendo a categoria “redes sociais” semanticamente ampla questionámo-nos sobre quais são as referências dos jovens quando aludidos à utilização ou a problemas relacionados com estas. Menos de dez foram assinaladas, predominando as referências a redes que assentam na comunicação pessoal ou em grupo, e ancoradas em perfis pessoais, com destaque para o *Instagram* e o *WhatsApp*. A utilização de redes como o *Facebook* parece decorrer da emergência de ligações virtuais a partir das ligações físicas com pessoas mais velhas, os membros da família em destaque.

Alguns estudos realizados em Portugal dão-nos nota desta variação nas redes predominantemente usadas em função da idade. Por exemplo, num estudo com amostragem de conveniência que envolveu

1704 participantes, sobre comportamentos aditivos no uso de ecrãs em Portugal (2022) os autores verificaram como nos grupos etários com idade igual ou inferior a 24 anos e com 25 a 34 anos predominava muito claramente a referência à utilização do *Instagram* e do *WhatsApp*, enquanto nos seguintes se destacava o *Facebook* em alternativa ao *Instagram* (Fialho *et al.*, 2023). No contexto da população juvenil e jovem adulta (15-24 anos), um outro estudo dá-nos nota, igualmente, do predomínio do *Instagram*, seguido, por ordem de referência, do *Facebook*, *WhatsApp*, *X/Twitter*, *YouTube* e *TikTok* (Marktest Grupo, 2024). No estudo nacional realizado com alunos mais jovens (8º e 10º ano de escolaridade) predomina, por sua vez, a referência à utilização do *TikTok* em termos de tempo passado nas redes sociais, ainda que seguido de perto pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp*, sendo o *SnapChat* e o *Facebook Messenger* razoavelmente menos mencionados (Gaspar *et al.*, 2022).

Quanto a este tema das redes mais usadas, os jovens participantes neste estudo parecem acompanhar a norma de utilização pelos jovens portugueses de idade semelhante. Por outro lado, é de notar a preocupação na utilização de redes entendidas como menos passíveis de vigilância policial para a realização de atividades ilícitas, tendo sido dado o exemplo do *Telegram* como rede mais segura.

Tomando nota da preferência pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp*, uma preferência, como vimos, parcialmente decorrente da circunstância de muitos outros usarem, interessa-nos considerar as funcionalidades que estas plataformas oferecem. Esta caracterização é importante na medida em que pode proporcionar formas específicas de estar no meio virtual em rede.

Tendo por base as potencialidades tecnológicas do *Instagram*, esta rede parece oferecer um leque de funções muito diverso, tendo em consideração as sugeridas por Kietzmann *et al.* (2011) para caracterização das redes sociais: expressão da *identidade* (medida em que possibilitam ou exigem mesmo a identificação pessoal); a *conversação* (com propósitos diversos, de amizade, enamoramento, partilha de ideias, interesses, defesa de causas); a *partilha* de conteúdos; a experiência de *presença* (dos outros no seu quotidiano e do próprio no quotidiano dos outros); a manutenção ou criação de novas *relações*; a avaliação da sua *reputação* (designadamente em comparação com a dos outros); e a criação ou inclusão em *grupos* diversos.

Por sua vez, o *WhatsApp*, embora possa permitir as mesmas valências, tem uma tecnologia aparentemente menos apelativa quanto às funções de expressão de *identidade* e de aferição da *reputação*, enquanto poderá ser especialmente forte nas valências da *presença* e da *conversação*.

A arquitetura destas plataformas é relevante na medida em que pode influenciar a forma como os jovens se relacionam e expressam a sua identidade (Baker & Walsh, 2018; Serafinelli & Cox, 2019; Scott *et al.*, 2022).

Conhecidas as potencialidades tecnológicas que as plataformas oferecem, importa conhecer que uso é feito das mesmas por parte dos jovens.

UTILIZAÇÕES DAS REDES SOCIAIS

Considera-se que os temas que foram sendo aludidos pelos jovens no campo das utilizações que fazem das redes sociais podem ser enquadrados em quatro dimensões principais: ligação, entretenimento, exploração de identidade e oportunidade de atividades ilícitas.

• LIGAÇÃO

Nesta dimensão os jovens participantes destacam a continuidade entre o meio físico e o meio virtual, com clara ênfase na maior valorização das interações presenciais, mas com uma valorização positiva das interações virtuais como complemento. Descrevem diversas características destas interações, com algumas dinâmicas que são próprias do meio virtual. Este meio é valorizado, sobretudo, nas suas valências de facilitação, abrangência e continuidade nos contactos. Por outro lado, é desvalorizado nas suas vertentes de conhecimento, compreensão e autenticidade. Embora a experiência virtual seja essencialmente positiva, todos aludiram a problemas, com destaque para as comunicações hostis e para a ambiguidade da identidade do interlocutor.

As redes sociais virtuais são apontadas primeiramente como decorrentes das redes sociais presenciais, parecendo ser este o principal motivo para a elas aderirem. Num segundo plano de importância, são apresentadas como uma forma de estabelecerem novas ligações, principalmente através do *Instagram*.

São descritas por estes jovens como uma forma de manterem a ligação com os amigos quando não estão com eles presencialmente. Frequentemente, as comunicações virtuais decorrem ou antecipam acontecimentos presenciais, constituindo um prolongamento dos mesmos para o plano virtual. São, no entanto, um recurso, não a plataforma preferida de encontro.

Este desenvolvimento vai ao encontro da evidência de que a implementação de formas de relacionamento via redes sociais não tem especial impacto no número de relações com pares em modo não virtual (Steinsbekk *et al.*, 2024) e de que o modo virtual pode ser uma importante extensão das relações presenciais, sendo as interações *online*, contudo, percebidas como menos profundas do que as que têm presencialmente, com amigos próximos (Scott *et al.*, 2022).

Estas permitem ir seguindo ou acompanhando as vidas dos amigos/conhecidos/seguidores. Mesmo distantes fisicamente, vão tomando conhecimento do que os outros fazem ou gostam, têm com quem

partilhar os seus conteúdos, vão participando, através da visualização dos conteúdos e respetivas reações.

A comunicação na rede virtual tende a ser frequente, curta, com pouco texto, conteúdos predominantemente audiovisuais, fácil, porque envolve pouco esforço de mobilização corporal, a tecnologia é muito acessível de utilizar, não implica um especial envolvimento de preparação da comunicação. Por outro lado, implica atenção.

Para além da manutenção da ligação quando não estão em presença física, as redes são associadas por estes a uma certa agilidade, celeridade e facilitação dos encontros em presença, pela maior facilidade nas marcações, tomar decisões simples, transmitir recados, características que se tornam ainda mais relevantes quando estas interações envolvem grupos de pessoas. Se as redes constituem uma via de simplificação e facilitação da comunicação a dois, tanto mais o são no que toca à comunicação em grupo.

Conhecer novas pessoas é apresentado como mais fácil na rede virtual. Em parte, por ser mais fácil de realizar uma primeira abordagem a alguém com quem contactaram brevemente na rua, mas, também, para contactarem pessoas totalmente novas, que lhes despertaram interesse *online*. A oferta é ampla e o contacto é fácil, bastando um pedido para seguir, uma reação a um conteúdo, uma pequena mensagem. Trata-se de um contacto que sentem como mais resguardado, com um menor envolvimento e exposição. Segundo valorizam, as redes permitem ligar e desligar facilmente se perderem o interesse.

Para além das valências da abrangência de pessoas disponíveis no mundo virtual e das funcionalidades das plataformas que facilitam a criação e eliminação de contactos, os participantes destacam outras duas características como diferenciais da comunicação virtual vs presencial, no sentido de a comunicação virtual ser menos intensa do que a presencial. Estas apreciações quanto à menor intensidade da comunicação virtual foram colocadas no contexto da interação a dois.

Salientam como em presença sentem um maior envolvimento, uma maior exposição, por serem visíveis as suas alterações mais difíceis de controlar, no corpo, a expressão do olhar, os tiques, o rubor, o suor, mas também as dos outros. Ao vivo conseguem transmitir melhor e compreender melhor. Ao vivo conseguem abraçar, quando é para pacificar ou apoiar. Ao vivo também resolvem em definitivo disputas, pela imposição física.

Para além da experiência imediata na interação, que sentem como mais exposta no meio presencial, a intensidade desta interação é acrescida pelo aspeto de ser considerada mais significativa, mais real. Aparentemente é percebida como mais real por ser mais autêntica, pela exposição do corpo e espontaneidade das reações, sem filtros, sem tempo para preparar a resposta, com certezas quanto à

identidade da pessoa que têm em presença, mas também por perceberem o mundo físico como mais importante do que o mundo virtual.

Com efeito, vários jovens referem como quando conhecem pessoas através das redes sociais consideram que só as conhecem verdadeiramente quando se encontram presencialmente. Têm conhecimento de como as redes sociais possibilitam a criação de *personas* que não correspondem, de todo, à pessoa que está do outro lado, designadamente em termos de idade ou de imagem e vários jovens fazem referência a esta possibilidade como uma condição que os faz duvidar da autenticidade do que lhes está a ser transmitido por aquela pessoa, mesmo da própria existência da pessoa com que estão a contactar de novo.

De igual modo, várias vezes nas entrevistas os jovens mencionam como, se um assunto for importante, preferem tratá-lo no mundo físico e salientam, também, como preferem a experiência de estar com os seus amigos ao vivo em comparação com estar com eles nas redes sociais. As experiências de ligação nas redes são menores em relevância do que as experiências de ligação em presença.

Mesmo num contexto de ampla implementação da comunicação virtual, os jovens continuam a preferir a comunicação face a face, principalmente se a natureza dos conteúdos a partilhar for mais significativa. Neste sentido, a comunicação *online* tem menos valor quanto ao seu potencial de aprofundamento das relações (Towner *et al.*, 2022).

Por outro lado, um jovem mencionou como preferia ficar em casa a sair para se encontrar com pessoas, mesmo considerando que as pessoas que conhecia *online* podiam não ser reais. Este participante dá nota de como para alguns jovens as redes sociais virtuais constituem uma possibilidade de ligação quando existem dificuldades significativas de relacionamento interpessoal.

A sua experiência com as redes sociais é apresentada como predominantemente positiva, mas todos os jovens partilharam situações desagradáveis, vividas por eles ou por terceiros.

A situação mais comumente mencionada consistiu nos comentários hostis recebidos, principalmente no perfil público. O aspeto de estes serem feitos perante uma audiência não foi propriamente concretizado como um agravamento da experiência, embora fosse feita a consideração do agravamento face a ser no perfil público, em que a audiência é maior. Em todos os exemplos mencionados os interlocutores colocaram-se num lugar de resposta à crítica levantada, resposta que nalguns casos ficou exclusivamente *online*, noutros com alusão à passagem para um encontro presencial com vista a resolverem a questão por via física.

Uma segunda dimensão de problemas levantada prendeu-se com a veracidade dos perfis nas redes sociais. Por um lado, situações relativas ao seu interlocutor não ser quem afirma ser (desde a falsidade de aspetos partilhados até à falsidade da própria identidade), por outro lado, o roubo por terceiros da sua conta/perfil e utilização, fazendo-se passar por si para criar problemas com pessoas da sua rede.

A referência a estas práticas no contexto da sua vida foi colocada quer no papel de vítimas quer no papel de perpetradores, mas, principalmente, no papel de vítimas.

A generalidade dos aspetos descritos por estes jovens reflete diversas particularidades da comunicação *online* nas redes sociais que têm merecido a atenção da comunidade científica. As redes sociais disponibilizam funcionalidades que tendem a produzir um certo tipo de comunicação assente em partilha de conteúdos e reações, que, por um lado, reforça um sentimento de ligação e pertença a comunidades, mas, por outro, são limitadas na riqueza da informação partilhada, pela ausência do corpo, fomentando uma sensação de menor presença (Gazi *et al.*, 2024).

Nesta etapa da vida os amigos não são mais apenas aqueles com quem se passa tempo, se brinca, mas passam a ser também aqueles com quem se partilham sentimentos, experiências, ideias, num novo círculo de apoio. Os adolescentes necessitam de poder desenvolver relações próximas, nas quais seja possível exporem-se, desenvolverem a capacidade para a intimidade a diversos níveis ou explorarem a sua identidade (Subrahmanyam & Šmahel, 2011). Para os adolescentes de hoje, este campo de exploração decorre em ambos os mundos, em equilíbrios diversos na preponderância de cada um e com algumas diferenças nas experiências de interação, como, aliás, esta pequena amostra nos dá nota.

Como exposto, alguma literatura sugere que as amizades puramente *online* são mais pobres do que as outras, dadas as limitações qualitativas na comunicação, que emergem das próprias funcionalidades das plataformas e das dinâmicas de interação nelas geradas, mais pobres no tipo de pistas informativas envolvidas, com conteúdos tendencialmente menos aprofundados, percebidos como menos autênticos, bem como pela facilidade de eliminação das mesmas. O *bullying online* é, por sua vez, associado a um certo descomprometimento do próprio, decorrente, pelo menos em parte, do anonimato e de uma certa ideia de que o que se passa *online* não é tão real, sério ou verdadeiro (Subrahmanyam & Šmahel, 2011).

Nesta componente da ligação os jovens participantes neste estudo descrevem experiências que são, aparentemente, bastante normativas. Podemos questionarmo-nos se passam mais tempo *online* por terem mais tempo livre, dado terem uma menor adesão à escola, mas, quer pelas entrevistas, quer pelas suas respostas a uma questão sobre as atividades que costumam realizar com os amigos na componente quantitativa do projeto, não parece ser esse o caso; talvez até passem mais tempo em interação presencial com os amigos, fruto desse tempo livre (Carapinha & Guerreiro, 2024).

Dado o seu trajeto de vida e a variável comum de se encontrarem a cumprir medida no Centro Educativo podemos questionar-nos sobre a preponderância das comunicações mais hostis no contexto geral das suas comunicações em modo virtual e que se estendem ao modo presencial. Verificamos como parecem ter uma maior preocupação com as comunicações hostis realizadas perante uma maior audiência, o que poderá estar relacionado com a preservação do seu estatuto. O meio virtual foi apresentado quer como o contexto em que os conflitos são desencadeados, quer como o contexto em que os mesmos são amenizados mais precocemente por poderem refrear os seus impulsos. Considerando que o meio virtual é limitado quanto à imposição de superioridade pela força, que pode apenas ser realizada pela ameaça de esta suceder em meio físico, talvez possamos considerar se a preferência pela resolução de conflitos face a face se relaciona com a maior possibilidade de afirmação desse tipo de poder.

As redes sociais são frequentemente apresentadas como uma forma de estabelecer ligações com pessoas com os mesmos interesses ou características, dando corpo num novo espaço à tendência humana de agregação com pessoas com características semelhantes, designadamente quanto à etapa do ciclo de vida (Dávid-Barrett *et al.*, 2016), posições discriminatórias face a grupos minoritários (Sanchez-Sanchez *et al.*, 2023), convicções políticas polarizadas (Rum *et al.*, 2024), constituindo-se as próprias plataformas como agentes da promoção desta agregação pela similaridade, na medida em que os algoritmos que sugerem novos amigos se baseiam no conteúdo da página pessoal ou nas redes de contactos já estabelecidas (Chen *et al.*, 2009).

Podemos questionarmo-nos até que ponto as redes virtuais funcionam como um sistema de aprofundamento de ligações destes jovens a outros pares com percursos que saem da norma, designadamente quanto à Lei. Neste trabalho, é feita a referência a novos contactos, realizados exclusivamente no meio virtual para a realização de atividades ilícitas. Não foi, contudo, um aspeto particularmente enfatizado. Por outro lado, se considerarmos que as redes presenciais destes jovens não são exclusivamente de pares desviantes e que os seus interesses extrapolam o âmbito das atividades ilícitas, as redes virtuais poderão funcionar como um mecanismo de diversificação dos pares e dos interesses.

• ENTRETENIMENTO

Parte da motivação destes jovens para estarem nas redes sociais consiste na ocupação do tempo, o tempo entre ocupações, quando não se está envolvido numa atividade, quando se está só, tendo sido especialmente destacados os períodos em casa e as férias. As redes sobressaem como uma forma rápida e fácil de entreter. O tempo, a mente, parece estar, assim, sempre ocupada, alerta, sem espaços vazios, sempre em ligação com qualquer coisa, com alguém. É discutível, contudo, a qualidade deste estado de ativação, designadamente em que medida envolve reflexividade e integração sobre a informação ou

estímulos que recebem, ou se, na verdade, esta ativação não estará associada a um certo entorpecimento.

Por outro lado, as redes sociais surgem também referidas no tempo dos encontros presenciais; isto é, no tempo dos acontecimentos, contudo, vistas como um complemento, algo menor relativamente à experiência que está a acontecer fisicamente.

Então nestes *entre-tempos* passados nas redes sociais que tipo de experiências concretas são procuradas ou encontradas? Trata-se de uma questão importante, dado que os *entre-tempos* se consubstanciam em várias horas passadas nas redes por dia (Carapinha, Calado & Neto, 2024).

Este grupo de jovens faz particular referência à visualização dos conteúdos partilhados por pessoas da sua rede, principalmente pessoas que conhecem presencialmente, mas também outras, a quem estão ligados apenas virtualmente, em alguns casos figuras com maior protagonismo, que seguem, como jogadores de futebol ou cantores, por exemplo. Nenhum jovem fez referência à pesquisa e adesão a iniciativas ou projetos com página no *Instagram*.

A forma como falam da utilização das redes para passar o tempo sugere que se situam, essencialmente, como espetadores, visualizam os conteúdos que aparecem, não propriamente pesquisam conteúdos do seu interesse particular.

Regra geral são conteúdos que suscitam uma boa disposição, figuras bonitas, experiências simpáticas, vídeos percebidos como estimulantes ou humorísticos. Parecem ser, principalmente, conteúdos relativos à vida das pessoas que seguem, essencialmente o que fizeram ou estão a fazer, onde estiveram ou estão, ou outros conteúdos que estas partilham, principalmente imagens ou vídeos, com as características mencionadas.

Na descrição anteriormente apresentada das páginas de apresentação destas redes sociais é evidente o convite à partilha de aspetos da vida pessoal, sobretudo com uma luz de animação. Salter (2019) sugere como a própria arquitetura de *software* dos *sites* de redes sociais encoraja os utilizadores a partilharem experiências privadas, emotivas ou provocadoras, associando esta arquitetura ao potencial de geração de informação passível de ser usada para efeitos comerciais.

Portanto, há uma arquitetura que gera condições e, por sua vez, dinâmicas que se geram entre os utilizadores que reforçam esta mesma lógica.

Os conteúdos a que os jovens acedem parecem refletir, em grande medida, os gostos e preferências das redes a que estão ligados. Assim, a maior ou menor variedade da rede de ligações em termos de valores ou de interesses poderá gerar um acesso mais ou menos diversificado a conteúdos.

Tal não significa que não existam elementos do próprio a contribuir para os conteúdos que visualizam. As pessoas que fazem parte da rede de cada um decorrem da disposição do próprio para pedir ou aceitar pedidos de amizade ou membros para os seus grupos ou contactos de *WhatsApp* e os jovens tendem a procurar pares com interesses semelhantes. Adicionalmente, o tempo passado a visualizar cada conteúdo contribui para que conteúdos semelhantes apareçam.

Assim, o conteúdo a que os jovens têm acesso decorre da sua utilização e da sua rede, por um lado, mas também da arquitetura da própria plataforma, com algoritmos que recomendam conteúdos com base nos conteúdos previamente visualizados com o propósito de fomentar o envolvimento na plataforma (Metzler & Garcia, 2023; Narayanan, 2023).

É de notar, a propósito desta população específica, a referência a vídeos de *gangs* e a comunicações hostis, dirigidas à humilhação de outros. São conteúdos que despertam a nossa atenção pelo aspeto comum a estes jovens de cumprirem uma medida educativa relacionada a ações à margem da Lei, predominantemente de ofensa à integridade física (Carapinha & Guerreiro, 2024), mas não podemos afirmar que se trate de algo específico a estes.

Parece haver um entendimento implícito quanto à natureza dos conteúdos que se esperam visualizar e que são suscetíveis de partilhar, preferencialmente leves, alegres, positivos, estimulantes, entendidos como do interesse do outro, entendimento este que é reforçado pelas possibilidades de *feedback* aos conteúdos partilhados, em texto ou em imagens, ou, por outro lado, de ausência de *feedback*. Tais reações podem levar a condicionar o que se partilha e mesmo a retirar o conteúdo partilhado.

Neste sentido, parece haver uma procura e uma expectativa de criação ou manutenção de um tipo particular de vivências no dia a dia, alegres e/ou estimulantes. Esta publicação e visualização de representações concretas de momentos felizes pode ser historicamente ligada ao início dos meios de comunicação de massas, com a divulgação de cenas da vida das estrelas, no que Guy Debord descrevia como o «vivido aparente», isto é, representações do que seria uma vida de consumo livre e interessante, só apelativas ao público, no entender deste autor, pelo enorme empobrecimento da vida quotidiana (Zacarias, 2026).

Com efeito, alguns jovens fazem referência ao potencial que encontram nas redes quanto à alteração de estados de humor, de constituírem um recurso quando não se sentem bem, o que vai ao encontro dos resultados do estudo sobre comportamentos de saúde dos alunos (8º e 10º ano) portugueses, quanto à

significativa referência à utilização de redes sociais para fugirem a sentimentos negativos (Gaspar *et al.*, 2022).

Tratar-se-á de uma particularidade das redes sociais? Talvez não, provavelmente também no mundo físico se tendem a procurar experiências de ligação previsíveis e agradáveis. Contudo, coloca-se a hipótese de se poder estar a reforçar este papel das redes sociais virtuais como particularmente associadas a esta possibilidade de boa disposição, talvez pela maior facilidade em acioná-las, pela maior previsibilidade, pelo maior controlo da experiência (podendo-se simplesmente passar à frente do conteúdo ou desligar da rede).

Previsivelmente, no que toca ao bem-estar e à formação da identidade, as redes constituírem um recurso para a boa disposição tem um impacto diferente de serem o recurso predominante ou praticamente o único recurso. Jogam-se aqui vários aspetos, as redes sociais vêm alargar ou limitar as possibilidades de entretenimento, as possibilidades de experiência em geral, as possibilidades de lidarem com sentimentos desagradáveis?

No âmbito deste estudo é relevante considerar as dificuldades de regulação emocional que são de alguma forma transversais a estes jovens (Ayanoa *et al.*, 2024, Kemp *et al.*, 2017). Por um lado, utilizar as redes sociais para se acalmarem poderá ser uma estratégia com menos impacto negativo do que consumirem substâncias psicoativas, por exemplo, e ser mesmo protetora relativamente à externalização comportamental da agressividade de forma descontrolada. Por outro lado, o tipo de utilização que estes jovens parecem fazer das redes não é facilitador do desenvolvimento de mecanismos de regulação emocional que possibilitem um equilíbrio mais sustentado no tempo, e o tempo passado nestas poderá limitar o recurso a atividades que sejam mais benéficas para o desenvolvimento destes mecanismos. Contudo, que recursos têm estes jovens à sua disposição na comunidade?

• EXPLORAÇÃO DE IDENTIDADE

Na medida em que o mundo dos adolescentes atualmente compreende a dimensão virtual, onde uma boa parte do seu relacionamento interpessoal sucede, assente, em boa medida, na apresentação de si próprios, as plataformas de redes sociais são um importante contexto de exploração e de formação de identidade (Avci *et al.*, 2024).

Para Subrahmanyam e Šmahel (2011) o ambiente *online* possui algumas características que são potencialmente facilitadoras do trabalho de exploração de identidade, como sejam, a possibilidade de anonimato, a possibilidade de criação de diferentes representações e respetivas identidades *online* exploratórias, diferentes recursos para a *performance* da identidade em exploração (*usernames*, *avatars*, *posts* de fotos e vídeos), edição das suas fotografias. A *internet* pode constituir um primeiro

ambiente onde podem ousar distanciar-se das normas, atitudes, valores das figuras paternas, conhecer outros (pela diversidade de grupos, plataformas) e experimentar *online*, antes de experimentar no mundo físico. Neste processo, o *feedback* dos pares vai dando nota dos diferentes graus de aceitação das facetas apresentadas.

Ainda segundo estes autores, o valor desta possibilidade de experimentação de diferentes facetas da identidade para o desenvolvimento de uma identidade coesa dependerá, contudo, da capacidade do jovem fazer a integração das diferentes experiências, caso contrário permanecerá com uma identidade dispersa e fragmentada em função dos contextos.

Nestas entrevistas, os jovens revelaram algum cuidado quanto aos conteúdos que colocam sobre si ou que partilham nas redes sociais, tendo como referência as reações das pessoas da rede.

Todos referiram ter um perfil público e um perfil privado no *Instagram*, relacionados a uma diferenciação dos conteúdos que colocam em cada um em função da composição de cada uma das audiências. Os critérios podem variar, mas todos assinalam um maior cuidado com o que colocam de si no perfil público. Tendo por base a expectativa de *feedback* da comunidade de seguidores, mais alargada e diversa no perfil público, têm um especial cuidado na curadoria da *persona* que expõem, no sentido de ser mais consensual, com uma menor probabilidade de crítica.

As suas noções de privacidade, entre o público e o privado, situam-se neste domínio, daquilo que os seguidores podem ver, não demonstrando qualquer preocupação com a disponibilização e utilização dos seus conteúdos pessoais pelas próprias plataformas, designadamente para fins comerciais, aliás, como outros jovens já estudados (Serafinelli & Cox, 2019).

As noções de público e de privado, do que é ou não íntimo, transformaram-se radicalmente com a emergência e aprofundamento do relacionamento nas redes sociais, essencialmente no sentido da expansão do que é admitido como público, ao ponto de a perceção da própria subjetividade assentar grandemente na materialidade da presença e interações nas redes sociais. As subjetividades que anteriormente tendiam a ser «introduzidas» passaram a ser, predominantemente, «alterdirigidas» (Sibilia, 2016).

Também Tisseron (2001) desenvolve como as perceções do que é entendido como «exibicionismo» e «voyeurismo» são historicamente situadas, com uma tendência para o encurtamento das expressões englobadas por cada uma das categorias. Este autor explica, contudo, como, a par da proteção da intimidade, faz parte da condição humana o desejo de «extimidade», isto é, o desejo de partilhar algo da sua intimidade com o outro.

O *Instagram* não é apresentado por estes jovens como um meio de se expressarem ou de se mostrarem aos outros, não é uma função que lhe associem de imediato. Esta função é percebida nas entrelinhas, no cuidado que têm com o que apresentam sobre a sua vida, na escolha das fotos de si próprios, na edição das mesmas, na escolha dos pedaços da sua vida que partilham. É uma espécie de exposição concreta de si próprios, uma história sobre si que vão construindo, especificamente para mostrar, aparentemente uma versão de si próprios e da sua história. A sua melhor versão? Será, pelo menos, a sua versão que entendem que é a mais valorizada pelas suas redes. O que é definido como ideal decorre deste *feedback*. Neste processo de colocação de conteúdos sobre si, os jovens vão percebendo quais são mais ou menos valorizados pelos outros. Neste entendimento, aquilo que os jovens percebem como *uma boa vida* situa-se numa lógica de fruição e gozo, destacando os exemplos das viagens/passeios e os convívios com alegria.

Muito se partilha, contudo, quão íntimos são os conteúdos, o que revelam efetivamente da pessoa? Segundo Tisseron (2001), a técnica usada para comunicar algo de si tem um efeito na postura psíquica do sujeito e no conteúdo da mensagem. Falar, escrever com esferográfica, no computador ou numa caixa de diálogo de uma rede social, ou partilhar imagens, implicam envolvimento distintos.

Na internet tendencialmente o envolvimento é menor, de ambos os lados da comunicação, o que facilita processos de reconhecimento e validação do que está instalado e não tanto de construção e enriquecimento de si. Neste sentido, apesar de todas as suas potencialidades quanto à exploração, as dinâmicas de interação nas redes sociais talvez não sejam facilitadoras do processo de amadurecimento, que implica o reconhecimento das falhas e limites do próprio e daquilo que é possível conseguir no mundo.

Os jovens participantes neste estudo apresentam-se numa situação singular quanto a este ponto. Trata-se de uma população maioritariamente marcada por adversidade, por experiências de insucesso, por falhas várias na resposta do meio às suas necessidades. Contudo, a forma como se adaptaram a estas condições parece incluir precisamente a negação de uma série de limites, entre os quais os firmados pela Lei.

Nesta conjuntura, as redes sociais potencialmente podem trazer algo de novo, mas, por outro lado, a natureza das interações que se tendem a desenvolver nestas talvez venha precisamente consolidar esta forma de adaptação em que os limites são negados.

É interessante notar como os jovens parecem ter presente que todos estão a fazer uma seleção particular do que mostram. É, portanto, uma espécie de faz-de-conta, que poderá contribuir para a perceção, transmitida por vários, de que o que se passa nas redes sociais não é tão a sério como o que se passa no

mundo físico. Por um lado, o que se passa nas redes sociais é percebido como real, até porque uma boa parte das pessoas em ligação são conhecidas do mundo físico, os jovens têm cuidado naquilo que expõem sobre si e são sensíveis às reações da rede, mas subsiste, em simultâneo, esta experiência de alguma ficção.

Sibilia (2016) faz referência ao conceito de «autenticidade performática» para esclarecer este aspeto da partilha de recortes da própria vida, o que cria a ilusão de se estar a ser genuíno, contudo, recortes selecionados em função dos critérios mencionados, entre outros.

Esta ambiguidade poderá estar relacionada com uma amplificação, nas redes sociais, da experiência de vida e das relações sociais como um «espetáculo», isto é, como uma exposição e troca de «aparências», em que as aparências materializadas nos ecrãs não correspondem, em boa medida, ao vivido, mas a um «vivido aparente», uma imagem ou um vídeo produzido para o efeito de ser publicado (Zacarias, 2026), um «simulacro» de vida constituído por marcas (bens ou experiências) que se pretendem identificatórias de um certo estatuto social, concebidas para o olhar e reconhecimento dos espetadores (Campos, 2026). Neste sentido, parece trata-se de um fenómeno sucedâneo ao da «pessoa pública» para as massas, que se intensificou com os primeiros ecrãs, de televisão, distinta da «pessoa privada», pela exposição seletiva de atributos considerados interessantes para as massas (Goffman, 2004).

Esta curadoria da pessoa que apresentam será específica das redes sociais? Provavelmente não. Também no mundo físico as pessoas têm um grau de exposição variável, mais ou menos intencional quanto ao que de si revelam, nomeadamente em função do contexto em que se encontram (Goffman, 1993; Winnicott, 1983).

Goffman (2004) introduz algumas ideias em torno da análise do «estigma» que nos permitem pensar sobre esta seleção de atributos expostos, por esta população específica de jovens internados nos Centros Educativos, que partilha entre si alguns atributos que tendem a ser olhados de forma negativa pela sociedade em geral, constituindo por isso estigmas, o mais comum prendendo-se com os comportamentos considerados crime segundo a Lei e respetivas respostas sociais para os mesmos (medidas de justiça), existindo também outros, como o de pertencerem a certas minorias étnicas, a desafiliação familiar ou escolar, por exemplo.

Segundo este autor, o estigma marca uma diferença entre as características expectáveis para um determinado grupo, no nosso caso, um jovem entre os 13 e 20 anos num dado contexto social, e as características que este efetivamente tem. Antecipando uma certa inquietação, para o próprio, para o outro, em situações de «contactos mistos», envolvendo a pessoa e outra(s) que esta entende como não maculadas por aquele(s) atributo, e referindo-nos a atributos que não são de imediato visíveis, como o

de terem tido comportamentos qualificados como crimes, o sujeito tenderá a manejar a informação que expõe de si de forma a encobrir o estigma, criando uma biografia alternativa, mais ajustada à «normalidade», naquilo que o autor designa como «máscaras de ajuste acomodativo».

Podemos considerar que as redes sociais virtuais, são um palco especialmente favorável e poderão ser especialmente apelativas para estes mecanismos de ocultação e criação de biografias alternativas para estes jovens, pela facilidade com que as possibilitam, pela amplitude e diversidade dos contactos mistos, especialmente no perfil público, e pelo elevado grau de exposição em termos de amplitude de público, materialização em imagem e possibilidades de feedback.

Se, por um lado, nestas redes de contactos mais heterogéneos, poderão vigorar movimentos de ocultação de dimensões do sujeito, com possível comprometimento da possibilidade destas interações contribuírem para um enriquecimento identitário, por outro lado, constituem uma possibilidade de se apresentarem e serem reconhecidos noutras dimensões suas, sem a contaminação do julgamento moral, com potencial efeito de desenvolvimento de outro tipo de identificações e fortalecimento de dimensões identitárias pró-sociais.

Por sua vez, nas redes sociais, os jovens podem encontrar grupos mais homogéneos, porventura coincidindo parcialmente com o perfil privado, onde não será necessário ocultar o estigma. Pelo contrário, são grupos onde podem encontrar suporte relativamente a estes atributos específicos, grupos onde os comportamentos desviantes podem ser o espetáculo, potencialmente reforçando estas dimensões identitárias.

Esta estratificação dos pares em função do manejo da informação que revelam sobre si, poderá criar uma certa sensação de «vida dupla», em relação a si próprios, e que poderão, igualmente, suspeitar quanto às pessoas com quem interagem.

No contexto deste trabalho coloca-se a questão da medida em que as redes sociais potenciam atributos desviantes na formação da identidade destes jovens. Tendo em consideração o exposto, esta potencial influência poderá assentar na composição das redes de interação virtual e presencial destes jovens, que se interconectam com os conteúdos a que têm acesso, em que uma maior heterogeneidade de estilos de vida poderá funcionar como fator protetor, enquanto a homogeneidade tenderá a potenciar esta mesma homogeneidade.

Subsiste, portanto, a dúvida sobre os efeitos reais desta atividade exploratória na formação de uma identidade coesa, dada a superficialidade e estratificação expostas. No caso particular destes jovens, que condições têm, designadamente interlocutores familiares, que os ajudem a analisar criticamente os conteúdos destas interações, na relação com o que pensam sobre si próprios?

• OPORTUNIDADES DE ATIVIDADES ILÍCITAS

No plano do desvio da Lei as redes sociais foram sendo apresentadas, na leitura das afirmações feitas, principalmente em quatro vertentes: como uma oportunidade para ter acesso a conteúdos relativos a outras pessoas ou grupos à margem da Lei, como uma oportunidade de contactos para estabelecer ligações nesse âmbito, como um contexto de oportunidades de ganhar dinheiro ilicitamente e como uma forma mais fácil de articulação relativamente à execução destas iniciativas.

Acesso a conteúdos

Nas entrevistas realizadas, um dos conteúdos mencionados pelos jovens consistiu em vídeos de *gangs* ou de pessoas singulares ligadas a atividades ilícitas, que publicam sobre si próprios, o seu estilo de vida, as suas atividades.

Há referências de que as redes sociais têm sido integradas na prática do quotidiano de *gangs* compostos por pessoas mais jovens, como uma forma de construção identitária, promoção de um determinado estatuto, valorização de um certo estilo de vida, exposição de situações em que se percebem alvo de discriminação, apoio às práticas criminais e captação de novos membros (Fernández-Planells *et al.*, 2021).

Oportunidade de contactos

Adicionalmente, tal como as redes sociais são percebidas como um bom meio de conhecer pessoas novas, são também um meio em que são realizados convites para ações ilícitas. Desta forma, a organização para a realização destas atividades deixa de ficar dependente da rede próxima de conhecimentos, próxima no aspeto de depender dos contextos espaciais em que os jovens se movem e das pessoas que nestes conhecem, passando a incluir uma esfera mais alargada de possibilidades.

Tal não significa que os convites nas redes sejam aleatórios, decorrendo provavelmente da ligação virtual do convidado a pessoas associadas a atividades ilícitas.

De todo o modo, as redes funcionam como um fator de facilitação da realização destes contactos. Por outro lado, poderá ser mais fácil dizer que não nas redes, sem o contacto direto presencial.

Oportunidade de atividades ilícitas

O mundo virtual foi apresentado por estes jovens também na vertente de novas oportunidades, principalmente pela possibilidade de realização de burlas sob anonimato, aproveitando a confiança e/ou a iliteracia digital das vítimas, como, por exemplo, quanto à legalidade/veracidade das lojas/vendas virtuais, ou quanto à veracidade das *personas online* que vendem fotografias suas.

As burlas *online* têm-se expandido, em escala, complexidade e impacto, assentes nas possibilidades tecnológicas, no acesso a grandes públicos, no anonimato e nas dificuldades de fiscalização, com particular destaque para o roubo de identidade e a fraude financeira (Pitchan, Salman & Arib, 2025).

As plataformas de redes sociais são, portanto, mais um espaço onde podem ser realizadas atividades ilegais, contudo, um espaço que não é neutro no potencial de facilitação destas.

Facilitação da execução

Finalmente, foi referida a facilitação de combinações entre interlocutores, também no desenvolvimento de atividades ilícitas, como o tráfico de drogas por exemplo, ainda que com algumas preocupações relativas às possibilidades de vigilância policial também neste mundo.

Estas possibilidades de utilização das redes sociais para fins ilícitos podem, portanto, refletir o que é a experiência destes jovens no mundo físico (Subrahmanyam & Šmahel, 2011), transferida para o mundo virtual, sendo que podemos também questionarmo-nos até que ponto as funcionalidades do meio virtual poderão ser facilitadoras do incremento deste tipo de experiências, que potenciam o acesso a conteúdos, contactos, oportunidades e facilitam a execução.

Carvalho (2023) analisou processos tutelares educativos em que as redes sociais assumiam um papel relevante, envolvendo 201 jovens em Portugal, com o propósito de explorar esta questão. Descreve como as funcionalidades disponibilizadas por estas redes são passíveis de serem usadas como um recurso em diversos atos ilícitos, desde logo o anonimato, a possibilidade de criação de perfis falsos, a facilidade de comunicação e planeamento em grupo, a facilidade de disseminação de conteúdos, designadamente para audiências alargadas, a facilidade de acesso a oportunidades de ganhos ilícitos, a facilidade de mobilização de pessoas, por exemplo. Por outro lado, identifica como algumas dinâmicas que emergem da presença *online* são visíveis nos processos analisados, como a relevância do estatuto, formas específicas de comunicação e relacionamento, desvalorização da importância da dimensão *online*, designadamente quanto aos potenciais danos.

De entre os factos qualificáveis na Lei como crime, em relação com as redes sociais, cometidos por estes jovens entre os 12 e os 16 anos, destacaram-se, em larga medida, as ofensas contra as pessoas e, em segundo lugar, contra o património. Estes factos em que as redes sociais estavam envolvidas encontravam-se predominantemente relacionados com questões de estatuto, que se colocam no contínuo *online* – *offline*, em que as funcionalidades de comunicação via redes sociais surgem como um fator facilitador, em que a agressão ocorre como forma de reparação deste estatuto percebido como posto em causa, reparação esta que requer uma afirmação no espaço público ou semipúblico. Embora

na organização de algumas atividades ilícitas o anonimato possa ter um papel facilitador, quanto à principal dinâmica identificada pela autora, aqui exposta, apresenta pouca relevância.

O impacto da vida *online* na vida *offline* tem sido crescentemente estudado no que toca a aspetos como a difusão e reforço social de atitudes e comportamentos, fruto da composição da rede de contactos e dos conteúdos partilhados, com reflexo na valorização de atributos específicos da identidade e nos comportamentos adotados no mundo presencial, bem como pela sua vertente instrumental de funcionar como um veículo para planeamento e concretização de ações, designadamente de ordem criminal (Renshaw & Carley, 2024). A frequência de redes sociais tem sido associada ao envolvimento em comportamentos de risco, entre os quais, comportamentos antissociais, nos adolescentes, sem, contudo, inferir causalidade (Purba *et al*, 2025).

Independentemente da complexidade de fatores causais do envolvimento em atividades ilícitas, as redes sociais parecem proporcionar uma forma particularmente fácil de acesso a conteúdos e pessoas com disposições semelhantes, de reforço mútuo de interesses, estéticas, estilos de vida, atributos identitários, bem como de operacionalização destas mesmas atividades, seja no contexto físico, seja no virtual, num entrecruzamento entre os dois mundos. Por outro lado, constituem, também, uma forma facilitada de acesso a outro tipo de conteúdos e pessoas, com disposições diferentes, sendo mais fácil negar a associação ou a participação em projetos daquela índole.

PRIVAÇÃO DE REDES SOCIAIS

Por último, a experiência comum de ausência de redes no Centro Educativo, foi essencialmente descrita como desconfortável, mas não propriamente desorganizadora. A falta das redes foi principalmente associada ao impedimento de partilhar da vida das pessoas da sua rede e ao receio do esquecimento, isto é, por não estarem ativos nas redes, os outros se esquecerem deles.

Nos últimos anos tem sido desenvolvida pesquisa quanto aos efeitos da abstinência voluntária de redes sociais com vista ao incremento do bem-estar. Usualmente as experiências em causa envolvem períodos curtos de sete dias, não revelando efeitos consistentes na satisfação com a vida em geral ou no bem-estar afetivo, porventura devido à curta duração dos períodos e à diversidade de efeitos, mais positivos ou negativos no bem-estar afetivo (Lemahieu *et al.*, 2025). Não se identificaram, contudo, estudos que analisassem o impacto da abstinência forçada de redes sociais, designadamente por efeito da reclusão. Nesta pesquisa, surgiram alguns trabalhos quanto à utilização ilegal destas plataformas pelas pessoas em reclusão, dos quais se salienta a alusão a estas como uma forma de estarem fora das paredes do estabelecimento prisional, isto é, a uma expansão da sua liberdade e da sua existência para além destas paredes, para um mundo virtual onde se mantêm ligados (Piacentini & Katz, 2018).

As preocupações dos jovens entrevistados parecem relacionar-se com o conceito de *Fear of Missing Out* (FOMO), definido como uma apreensão generalizada relativamente à constatação de que outros estarão a ter experiências gratificantes nas quais a pessoa não está incluída (Sankapal, 2023), experiência esta associada a sentimentos como o cansaço, *stress*, vitalidade reduzida, sintomas físicos ou dificuldades no sono (Piko *et al.*, 2025). Contudo, este conceito não nos parece suficiente para caracterizar uma experiência de distanciamento do mundo virtual e físico por um período prolongado de tempo, que pontifica no medo de serem esquecidos.

O sentimento de desconexão da rede familiar e social alargada tem sido identificado como um dos fatores de *stress* da população prisional, associado a um risco acrescido para diversas condições de saúde mental nesta população (Megary & Argyriadou, 2025). Será de colocar a hipótese de que a experiência de *hiperconexão*, vivida no âmbito das redes sociais virtuais por parte destes jovens, tenha como reflexo uma evidenciação desta experiência de desconexão pela condição de se encontrarem no Centro Educativo. Se a noção da presença na vida do outro é em grande medida sustentada pelas frequentes interações nas plataformas virtuais, é compreensível que esta fique afetada pela impossibilidade destas. Se a experiência de interação virtual se pauta pela saturação de conteúdos, é compreensível que a ausência desta interação seja vivida como se estando a perder uma grande quantidade de informação e de experiências. Se as subjetividades tendem a ser alter-dirigidas, que relevância têm as interações com outros jovens no Centro Educativo para dar corpo à experiência de si próprios?

Na ausência daqueles pequenos ecrãs de ligação, à entrada no internamento os jovens ficam suspensos numa rede social física ainda por constituir, com os outros jovens internados, contudo, também esta com potencial de ligação, entretenimento, exploração de identidade e, conhecimento de atividades ilícitas.

Os jovens identificaram alguns aspetos positivos associados à indisponibilidade de redes sociais virtuais, essencialmente o de conhecerem melhor os outros jovens que estão perto, do Centro Educativo, e o de realizarem outro tipo de atividades de lazer. Fechada aquela janela para o mundo parecem direccionar-se para as oportunidades disponíveis de ligação, entretenimento e exploração identitária.

EM SUMA

As perspetivas sobre as redes sociais variam entre polos qualitativamente carregados como mais positivos ou mais negativos. Por um lado, as redes sociais são percebidas como contribuindo para um mundo de agilidade, partilha, conexão, colaboração, informação e entretenimento, associadas ao bem-estar e ao desenvolvimento humano. Por outro lado, são percebidas como uma via de degradação das

relações interpessoais, constituição de identidades altamente dependentes da imagem projetada nos outros, incremento da violência interpessoal, alheamento social, propagação da hostilidade, associadas a problemas de saúde mental e involução humana. Numa terceira linha, são enquadradas como um terreno neutro, um mundo adicional onde se espelham as dificuldades e as potencialidades humanas, um mero reflexo do estado da civilização humana.

Independentemente destas visões, o entrosamento das redes sociais virtuais na experiência diária dos jovens é uma realidade transversal, em todas as suas potencialidades. Neste trabalho, explorámos como as dinâmicas de presença e interação virtual por parte dos jovens à data internados nos Centros Educativos podem assumir características específicas, promotoras ou protetoras relativamente à adoção de comportamentos desviantes da Lei. A relevância desta esfera da existência para estes jovens implica a sua consideração nas abordagens a desenvolver com estes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ayanoa, G., Rooney, R., Pollard, C. Dantas, S., Lobo, R., Jeemi, Z., Burns, S., Cunningham, R., Monterosso, S., Millar, L., Hassan, S., Dovchin, S., Oliver, R., Coleman, K. & Alatia, R. (2024). Risk and protective factors of youth crime: An umbrella review of systematic reviews and meta-analyses. *Clinical Psychology Review*, 113 (102479). <https://doi:10.1016/j.cpr.2024.102479>
- Avcı, H., Baams, L. & Kretschmer, T. (2024). A systematic review of social media use and adolescent identity development. *Adolescent Research Review*, 10, 219–236. <https://doi:10.1007/s40894-024-00251-1>
- Baker, S. & Walsh, M. (2018). ‘Good morning fitfam’: top posts, hashtags and gender display on Instagram. *New Media and Society*, 20 (12), 4553-4570. <https://doi:10.1177/1461444818777514>
- Braun, V. & Clarke, V. (2022). *Thematic analysis: a practical guide*. Sage Editora.
- Campos, E. (2026, 21 de maio). Conceções sobre o contexto sociocultural da atualidade. In: *Complexos narcísicos na clínica e na cultura* [Vídeo]. Casa do Saber. [Casa Do Saber](http://hdl.handle.net/10400.26/53468) Carapinha, L. & Guerreiro, C. (2024). *Comportamentos aditivos em jovens internados em Centros Educativos 2023*. <http://hdl.handle.net/10400.26/53468>
- Carapinha, L., Calado, V. & Neto, H. (2024). *Comportamentos aditivos aos 18 anos. Inquérito aos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional 2023. Utilização da internet*. <http://hdl.handle.net/10400.26/52891>
- Carvalho, M. (2022). Redes sociais em práticas de delinquência juvenil: usos e ilícitos recenseados na justiça juvenil em Portugal. *Comunicação e Sociedade*, 42, 157-177. [https://doi:10.17231/comsoc.42\(2022\).3988](https://doi:10.17231/comsoc.42(2022).3988)
- Chen, J., Geyer, W., Dugan, C., Muller, M. & Guy, I. (2009). “Make new friends, but keep the old” – recommending people on social networking sites. In: *Proceedings of the CHI’09*, 2009, 201-210. <https://doi:10.1145/1518701.1518735>
- Dávid-Barrett, T., Izquierdo, I., Carney, J., Nowak, K., Launay, J. & Rotkirch, A. (2016). Life course similarities on social networking sites. *Advances in life course research*, 30, 84-89.

Fernández-Planells, A., Orduña-Malea, E. & Pàmpols, C. (2021). Gangs and social media: A systematic literature review and an identification of future challenges, risks and recommendations. *New media & society*, 23(7), 2099–2124.

Fialho, J., Martins, I., Gonçalves, A. & Caraça, L. (2023). *Scroll. Logo existo!: comportamentos aditivos no uso dos ecrãs*. UNLusíadas_01_Scroll_Ecras_Final.indd

Gaspar, T., Guedes, F., Cerqueira, A., Matos, M. & Equipa Aventura Social (2022). *Relatório do estudo HBSC 2022. A saúde dos adolescentes portugueses em contexto de pandemia – dados nacionais do estudo HBSC 2022*. HBSC_RelatórioNacional_2022-1.pdf

Gazi, A., Rahaman, A., Rabbi, F., Masum, Nabi, N. & Rahman, S. (2024). The role of social media in enhancing communication among individuals: prospects and problems. *Environment and Social Psychology*, 9(11): 2979. <https://doi:10.59429/esp.v9i11.2979>

Goffman, E. (1993). *A apresentação do Eu na vida de todos os dias*. Relógio de Água Editora.

Goffman, E. (2004). *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª edição). LTC Editora.

Kemp, K., Thamotharan, S., Poindexter, B., Barker, D. Tolou-Shams, M. & Houck, C. (2017). Emotion regulation as a predictor of juvenile arrest. *Criminal Justice Behaviour*, 44(7), 912-926. <https://doi:10.1177/0093854817695842>

Kietzmann, J., Hermkens, K., McCarthy, I. & Silvestre, B. (2011). Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media. *Business Horizons*, 54, 241-251. <https://doi:10.106/j.bushor.2011.01.005>

Koukaras, P., Tjortjis, C. & Rousidis, D. (2019). Social media types: introducing a data driven taxonomy. *Computing*, 102, 295–340. <https://doi:10.1007/s00607-019-00739-y>

Lemahieu, L., Zwahlen, Y., Koster, E., Mennes, M., Abeele, M. & Poels, K. (2025). The effects of social media abstinence on affective well-being and life satisfaction: a systematic review and meta-analysis. *Nature Scientific Reports*, 15:7581. <https://doi:10.1038/s41598-025-90984-3>

Marktest Grupo (2024). *Os portugueses e as redes sociais 2024*. Folheto_Portugueses_Redes_Sociais_2024.pdf

Megary, K. & Argyriadou, E. (2025). Mental health and psychological well-being of incarcerated individuals: A narrative review. *European Journal of Trauma and Dissociation*, 9(4), 100606. <https://doi:10.1016/j.ejtd.2025.100606>

- Metzler, H. & Garcia, D. (2023). Social drivers and algorithmic mechanisms on digital media. *Perspectives on Psychological Science*, 19(5), 735-748. <https://doi:10.1177/17456916231185057>
- Narayanan, A. (2023). *Understanding social media recommendation algorithms*. Knight First Amendment Institute at Columbia University. <https://doi:10.7916/khdk-m460>
- Nesi, J., Choukas-Bradley, S. & Prinstein, M. (2018). Transformation of adolescent peer relations in the social media context: Part 1—A theoretical framework and application to dyadic peer relationships. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 21(3), 267-294. <https://doi:10.1007/s10567-018-0261-x>
- Piacentini, L. & Katz, E. (2018). The virtual reality of imprisonment: the impact of social media on prisoner agency and prison structure in russian prisons. *Oñati Socio-legal Series*, 8(2), 183-204. <https://opo.iisj.net/index.php/osls/index>
- Piko, B., Müller, V., Kiss, H. & Mellor, D. (2025). Exploring contributors to FoMO (fear of missing out) among university students: The role of social comparison, social media addiction, loneliness, and perfectionism. *Acta Psychologica*, 253, 104771. <https://doi:10.1016/j.actpsy.2025.104771>
- Pitchan, M., Salman, A. & Arib, N. (2025). A systematic literature review on online scams: insights into digital literacy, technological innovations, and victimology. *Jurnal Komunikasi: Malaysian Journal of Communication*, 41(1). <https://doi:10.17576/JKMJC-2025-4101-07>
- Purba, A., Thomson, R., Henery, P., Pearce, A., Henderson, M. & Katikireddi, S. (2025). Social media use and health risk behaviours in young people: systematic review and meta-analysis. *BMJ*, 383: e073552. <https://doi:10.1136/bmj-2022-073552>
- Renshaw, S. & Carley, K. (2024). Linking online activity to offline behavior: A meta-review of three decades of online-to-offline scholarship with future implications for AI. *Emerging Trends in Drugs, Addictions, and Health*, 4. <https://doi:10.1016/j.etdah.2024.100154>
- Rum, S., Mohamed, R. & Asfarian, A. (2024). Identifying political polarization in social media: A literature review. *Journal of Advanced Research in Applied Sciences and Engineering Technology*, 34(1), 80-89. <https://doi:10.37934/araset.34.1.8089>
- Tisseron, S. (2001). *L'intimité surexposée*. Ramsay Editora.
- Salter, M. (2019). *Crime, justice and social media. New directions in critical criminology*. Routledge Editora.
- Sanchez-Sanchez, A., Ruiz-Munoz, D. & Sanchez-Sanchez, F. (2023). Mapping Homophobia and Transphobia on Social Media. *Sexuality Research and Social Policy*, 21, 210–226. <https://doi:10.1007/s13178-023-00879-z>

- Sankapal, S. (2023). A systematic review of fear of missing out: understanding its Implications and influencing factors. *International Journal of Novel Research and Development*, 8(5), 58-61. JETIR Research Journal
- Scott, R., Stuart, J. & Barber, B. (2022). Connecting with close friends online: A qualitative analysis of young adults' perceptions of online and offline social interactions with friends. *Computers in Human Behavior Reports*, 7, 1-11. <https://doi:10.1016/j.chbr.2022.100217>
- Serafinelli, E. & Cox, A. (2019) 'Privacy does not interest me'. A comparative analysis of photo sharing on Instagram and Blipfoto. *Visual Studies*, 34(1), 67-78. <https://doi: 10.1080/1472586X.2019.1621194>
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo* (2ª edição). Contraponto Editora.
- Steinsbekk, S., Bjorklund, O., Valkenburg, P., Nesi, J. & Wichstrom, L. (2024). The new social landscape: relationships among social media use, social skills, and offline friendships from age 10–18 years. *Computer Human Behaviour*, 156, 1-10. <https://doi:10.1016/j.chb.2024.108235>
- Subrahmanyam, K. & Šmahel, D. (2011). *Digital youth. The role of media in development*. Springer Editora.
- Towner, E., Grint, J., Levy, T., Blakemore, S. & Tomova, L. (2022). Revealing the self in a digital world: a systematic review of adolescent online and offline self-disclosure. *Current Opinion in Psychology*, 45, 101309. <https://doi:10.1016/j.copsyc.2022.101309>
- Winnicott, D. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Artmed Editora.
- Zacarias, G. (2026, 21 de maio). *Sociedade mediada por imagens: o pensamento radical de Guy Debord* [Vídeo]. Casa do Saber. [Casa Do Saber](#)



Empoderar. *Empower.*
Cuidar. *Care.*
Proteger. *Protect.*



REPÚBLICA
PORTUGUESA



SNS SERVIÇO NACIONAL
DE SAÚDE



ICAD

Instituto para os Comportamentos